200 anos

CACHOEIRA DO SUL

#belaquesóela

CACHOEIRA DO SUL

#belaquesóela

“No fundo, Cachoeira foi feita para caber num belo livro.

Carlos Eduardo Florence

Créditos

Organização: Mirian R. M. Ritzel
Assessoria: Elizabeth Thomsen
Projeto gráfico e diagramação: Camila Carrazzoni Mendes Ribeiro
Título: Marô Vieira da Cunha Silva
Fotos: César Roos
Renato Thomsen
Robispierre Giuliani
Fotos adicionais: Ernani Marques
Mário H. Kämpf
Maurício Thomsen
Rodrigo Sklar
Fotos de capa: Maurício Thomsen
Iniciativa: Grupo Cultura Cachoeira do Sul - WhatsApp
Conselho Editorial: Armando Fialho Fagundes
Carlos Eduardo D. Florence
Marisa Timm Sari
Osni Schroeder
Realização: Associação Cachoeirense de Amigos da Cultura - Amicus
Impressão: Gráfica Jacuí Ltda., primavera de 2020
Divulgação: https://youtu.be/ACeFNvG-9LQ

Ficha catalográfica

C119 Cachoeira do Sul #belaquesócela; organização de Mirian R. M. Ritzel; fotografias de César Roos, Renato Thomsen, Robispierre Giuliani, Ernani Marques, Mário H. Kämpf, Maurício Thomsen, Rodrigo Sklar; realização: Associação Cachoeirense de Amigos da Cultura - Amicus. – Cachoeira do Sul: Gráfica Jacuí, 2020.
200 p.: il.; 30 x 30 cm

ISBN 978-65-00-11789-9

1. Cachoeira do Sul - História. 2. Cachoeira do Sul - Literatura. 3. Cachoeira do Sul - Fotografias. I. Ritzel, Mirian R. M., org. II. Título.

CDU 981.652.821.134.3(816.52):77

CIP – Catalogação na fonte: Lúcia Pêgas de Lima CRB 10/107

SUMÁRIO

Apresentação 4
Prefácio 5
Cachoeira do Sul 200 Anos 7
Rio Jacuí: origem, caminho, fronteira e dádiva 25
Cachoeira do Sul bela que só ela 45
Cachoeira dos saberes e fazeres 79
Coisas que só tem aqui 107
Palavras ditas 169
Futuro da história 191
Epílogo 199
Patrocinadores 200

APRESENTAÇÃO

> No princípio a casa foi sagrada, isto é, foi habitada não só por homens e vivos como também por mortos, heróis e deuses.
>
> Sophia de Mello Breyner

Caminho pelas ruas de Cachoeira como se voltasse a dissecar cadáveres numa aula de anatomia. Cidade das caminhadas onde a cada esquina tento descobrir os segredos dos sobrados, das janelas, das ruas com história. Minha cidade começa no rio e ele é o que demarca o tempo. Os homens e sua história criaram ruas que são a minha terra e meu caminho. Comendadores, generais, batalhas no Paraguai, farroupilhas, povo, independência do Brasil. Cachoeira e seu passado sempre presente.

As ruas da minha terra têm sobrados e história e não ando só. Sempre em boa companhia. Escolho as companhias. Pode ser que tenha medo de perder Cachoeira. Subo a Sete, desço a Moron, peço a bênção da Imaculada. Chego ao rio ao entardecer, onde vejo o Jacuí engolir o sol e tudo vira luz. Bela que só ela!

Há muito tempo, com os três fotógrafos que ilustram minha coluna, pensamos num livro com imagens para registrar a memória e o tempo com arte. Renato Thomsen, Robispierre Giuliani e César Roos juntos no sonho. Então Mirian Ritzel lembrou os 200 anos e junto com a Marô Silva nasceu a ideia do #belaquesóela. E caminhamos juntos com um grupo de ativistas da cultura: Armando F. Fagundes, Cristina Mór, Eliane Schuch, Elisabete Silva, Ione M. S. Carlos, Liberato V. da Cunha, Mafalda Roso, Osni Schroeder, Péricles P. Thiele, Robson A. Soares e Ucha Mór. A Mirian então uniu palavras, poemas e fotografias com a história, testemunhas do tempo, da luz, da vida e da memória. E com a Elizabeth Thomsen e a Camila Carrazzoni Mendes Ribeiro fizeram o sonho virar realidade, transformando o nosso olhar: a cidade é mágica.

No seu livro de viagem ao Rio Grande do Sul, Saint-Hilaire chegou a Cachoeira e sentou na frente da Igreja Matriz. Sento também. Amo a Catedral, rezo para a Imaculada. O espaço das palmeiras e o Château d'Eau, belo que só ele, e o Museu Municipal nos complementa, contando a nossa história.

200 anos da cidade onde nasci. Sou feliz vivendo em Cachoeira. Acima de tudo, amo o rio Jacuí e os campos de arroz maduro. Sei lá, andamos emotivos e felizes e queremos que a emoção tome conta de todos, assim como o rio Jacuí, no fim da tarde, engole o sol.

Enquanto isso, na praça, Netuno e Nossa Senhora conversam. Falam sobre Cachoeira que continua bela que só ela e o quanto é triste quem não conserva os vestígios da infância. E lembro Mia Couto, que disse que a história é a testemunha de um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. Todas as fotografias serão a terra; as casas, as praças, os campos chamados de tempo.

Carlos Eduardo Florence

PREFÁCIO

A Associação Cachoeirense de Amigos da Cultura - Amicus, entidade comunitária instituída em 1983, recebeu, num fim de tarde, em junho de 2019, a solicitação do Grupo Cultura Cachoeira do Sul (membros associados) para coordenar a produção do Livro Cachoeira do Sul #belaquesóela. Este Livro, para o qual já havia uma proposta inicial, deveria ser lançado em 2020, nas comemorações do bicentenário do Município. Lembrei-me do brocardo latino *honor onus* que, nesses momentos, sempre me alerta: honra e responsabilidade. Talvez, naquele momento, a nossa concordância não tenha dimensionado todos os desafios do projeto, mas foi muito importante. Hoje, a Amicus agradece a confiança do Grupo, pois sente-se honrada em poder entregar, à comunidade cachoeirense e aos amantes da nossa terra, este Livro, fruto de um trabalho conjunto e dedicado que, com certeza, ficará marcado na mente e no coração de cada leitor.

A intenção foi produzir um livro-arte para destacar o melhor de Cachoeira do Sul quanto à sua história, natureza, bens culturais, saberes e fazeres, peculiaridades e palavras ditas sobre ela, incluindo o seu devir. Para tanto, a pesquisa revelou poetas e escritores de ontem e de hoje, bem como fotógrafos e pensadores cujo talento engrandece a cidade. É preciso reconhecer também aqueles que viabilizaram esta publicação, os patrocinadores que, num contexto complexo de pandemia, investiram neste Livro, entendendo o seu valor para o resgate do passado e o registro da potencialidade do presente rumo ao futuro do município. De fato, a proposta do Livro, ao destacar o aspecto histórico e cultural, nos inspira possíveis decisões para o presente, além de perspectivas para um futuro sustentável.

Sobre isso, é importante destacar que a Agenda 2030 das Nações Unidas, ao adotar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), incluiu, pela primeira vez, a cultura nos referidos objetivos. Sobre este avanço, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) enfatiza que a cultura contribui com a redução da pobreza e prepara o caminho para um desenvolvimento centrado nos seres humanos, inclusivo e equitativo. Nenhum desenvolvimento pode ser sustentável sem esses valores.

Concluo, portanto, que a nossa Cachoeira do Sul pode ir muito longe!

Marisa Timm Sari

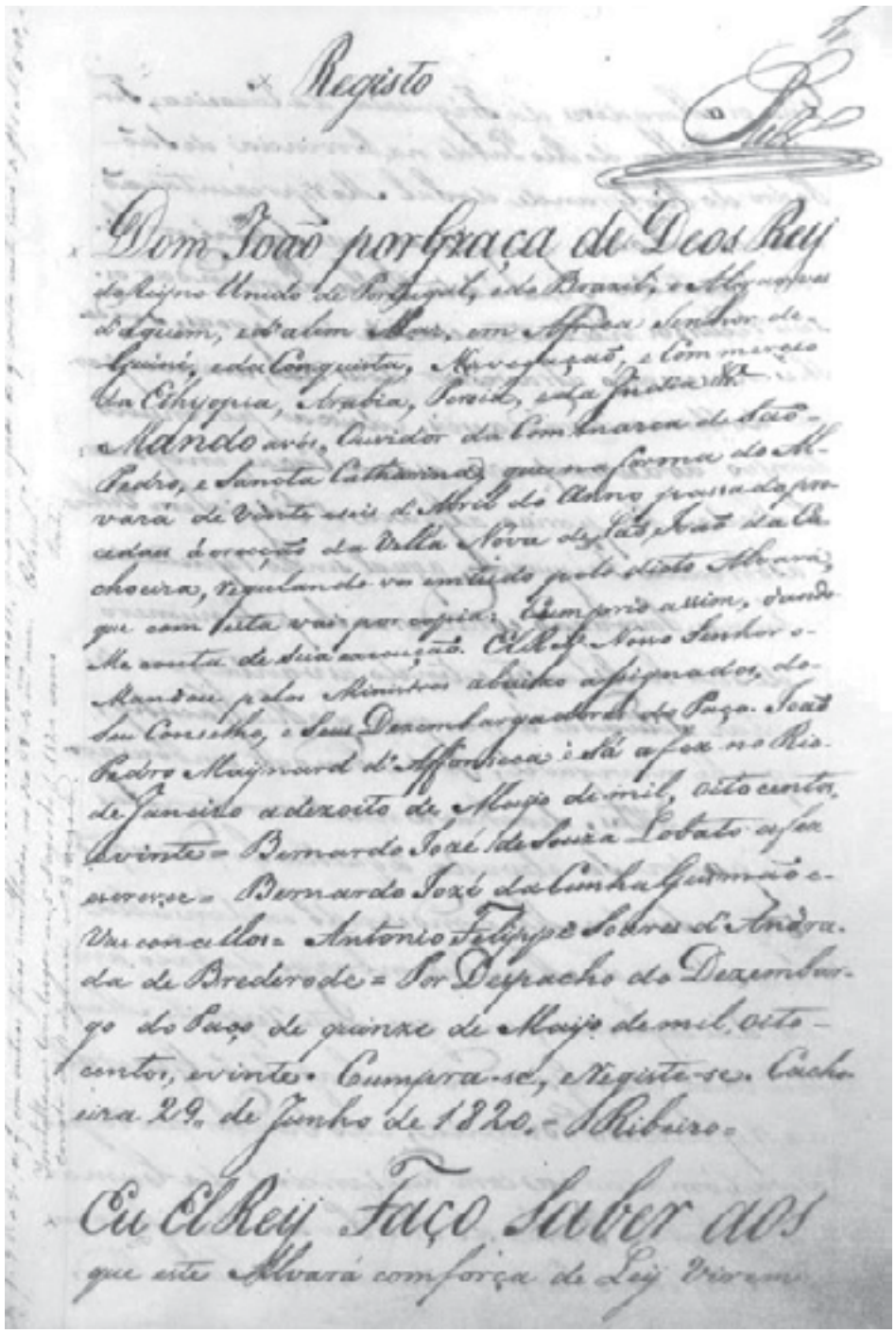
Presidente da Associação Cachoeirense de Amigos da Cultura - Amicus
Cidadã Honorária de Cachoeira do Sul

CACHOEIRA DO SUL

200 anos

“O passado é o único tempo que nos pertence.

Mirian R. M. Ritzel



Registro de criação da Vila - Arquivo Histórico

O rio que abrigou em suas margens os primeiros povoadores viu surgir, aos seus pés, a povoação que foi de capela a freguesia, de freguesia a vila e de vila a cidade. Nas ruazinhas de traçado português, a sua gente, composta de diversas etnias, se ocupava da vida que iniciou pacata e seguiu o curso construindo uma grande história.

Cachoeira do Sul foi o quinto município criado no Rio Grande do Sul, desmembrando-se de Rio Pardo. Em 5 de agosto de 1820, obteve a autonomia político-administrativa, conquistada muito pela sua localização geográfica e pelo próspero comércio com as povoações vizinhas. Servida pelo gado abundante nas estâncias e pelo trânsito de tropas que seguiam para as áreas de demarcação de fronteiras, Cachoeira tornou-se a "cabeça de uma vasta região", como dizia o historiador Aurélio Porto.

A vila era dominada naqueles primeiros tempos do século XIX por poucas construções de vulto. A principal delas era a Igreja Matriz, de 1799, projetada pelo militar João Róscio, e construída com mão de obra escrava e indígena, junto à Praça do Prestes, nome atribuído por viver ali um homem chamado João Prestes dos Santos. Com o tempo, a praça de configuração religiosa passou a ser chamada: da Igreja, da Conceição, da Matriz, Almirante Tamandaré e finalmente Dr. Balthazar de Bem. Com o passar dos anos, a Igreja ganhou a companhia do primeiro teatro, em 1830, do prédio do Divino Espírito Santo, em 1856, e da Casa de Câmara, Júri e Cadeia, concluída em 1864.

A Vila de Cachoeira em 1822

Igreja Matriz e Império do Divino Espírito Santo - Museu Municipal

Igreja Matriz - Museu Municipal

Teatro Cachoeirense (1830) - Museu Municipal

Intendência Municipal - antiga Casa de Câmara, Júri e Cadeia (1864) - Museu Municipal

Seguindo para o norte, foi demarcada no ano de 1830 a praça dita civil, que tomou o nome de Praça do Pelourinho, muito provavelmente por ter sido ali levantado o pelourinho, símbolo português da autonomia municipal. Com o passar dos anos, mudaram as denominações para Praça Ponche Verde, das Paineiras, do Mercado e Praça José Bonifácio, em homenagem ao patriarca da independência do Brasil.

Um dos marcos daqueles tempos é a Ponte de Pedra, que em 1848 já servia como principal ligação de Cachoeira com Porto Alegre e Rio Pardo, favorecendo as comunicações e o comércio.

Ponte de Pedra - Museu Municipal

Mercado Público - Museu Municipal

A Revolução Farroupilha, que tomou o Rio Grande durante dez anos, retardou muitos avanços em Cachoeira. Um deles foi com a educação. Somente em 1849 foi nomeada a primeira professora pública, Ana Francisca Rodrigues Pereira. Mas o panorama mudou com o correr do tempo e grandes instituições educacionais surgiram, formando crianças e jovens.

As principais ruas da Vila Nova de São João da Cachoeira eram a do Loreto, assim batizada em razão de seu primeiro morador, Francisco de Loreto, e hoje denominada Sete de Setembro, a de Santo Antônio, atual Saldanha Marinho, a da Igreja, hoje Moron, a dos Paulistas, hoje 15 de Novembro, e suas travessas, de nomes encantadores: do Lava-pés, da Lagoa, dos Pecados, da Tapera, da Luiza...

O Mercado Público, construído em 1882, no coração da Praça José Bonifácio, e a estação ferroviária, inaugurada no alto da Rua Sete de Setembro, em 1883, promoveram modificações significativas na vida dos cachoeirenses e, um pouco antes deles, à margem esquerda do Jacuí, foi implantada a primeira grande indústria da cidade: a Charqueada do Paredão. Seu papel na economia cachoeirense foi enorme, chegando a abalar o polo charqueador de Pelotas.

O mercado foi responsável por impulsionar o comércio e atrair para aquele quadrante da cidade grandes empreendimentos, dentre eles o de João Gerdau, imigrante alemão que saiu da colônia, abriu uma casa comercial na Rua Sete, estabelecendo as bases para o império econômico que construiria mais tarde na capital. Como ele, muitos outros imigrantes vieram para a cidade. A sua aproximação originou a Comunidade Evangélica Luterana, o Colégio Alemão-Brasileiro, em 1893, e a Sociedade Atiradores Concórdia, de 1896.

Estação Ferroviária - Museu Minicipal

Colégio Alemão-Brasileiro - Museu Municipal

Primeiro edifício do Colégio Alemão-Brasileiro (1914) - Coleção Claiton Nazar

Schützen-Verein Eintracht - Sociedade Atiradores Concórdia, hoje Sociedade Rio Branco - Museu Municipal

Sociedade Italiana Príncipe Umberto - Benjamin Camozato

A chegada dos imigrantes, primeiro os alemães, em 1857, e depois os italianos, a partir de 1880, mudou a economia, a cultura e a vida social da Cidade da Cachoeira, foro obtido em 15 de dezembro de 1859.

Aos imigrantes alemães é atribuído o desenvolvimento da agricultura. Em 1859, a Colônia Santo Ângelo já registrava o cultivo de milho, feijão, trigo, batata, mandioca, cana-de-açúcar, tabaco e outros, com destaque para o arroz bem plantado à beira do Jacuí. Menos de vinte anos depois, dispunha de sete engenhos, atestando a grande produção do cereal. Os italianos foram investidores do comércio e da indústria e se irmanaram, em 1912, na Sociedade Italiana Príncipe Umberto.

No final do século XIX, fora da colônia e às margens dos arroios Capané, Capanezinho e Santa Bárbara, vários arrozeiros tiveram sucesso com suas lavouras irrigadas por gravidade. A partir de 1906, outros que adotaram a irrigação mecanizada colheram safras formidáveis. Com o sucesso da lavoura orizícola, a cidade ganhou o título de Capital Nacional do Arroz, estendendo o progresso para a indústria ligada ao plantio e ao beneficiamento do grão, ao comércio e à vida social e cultural.

Trabalho em lavoura de arroz - Museu Municipal

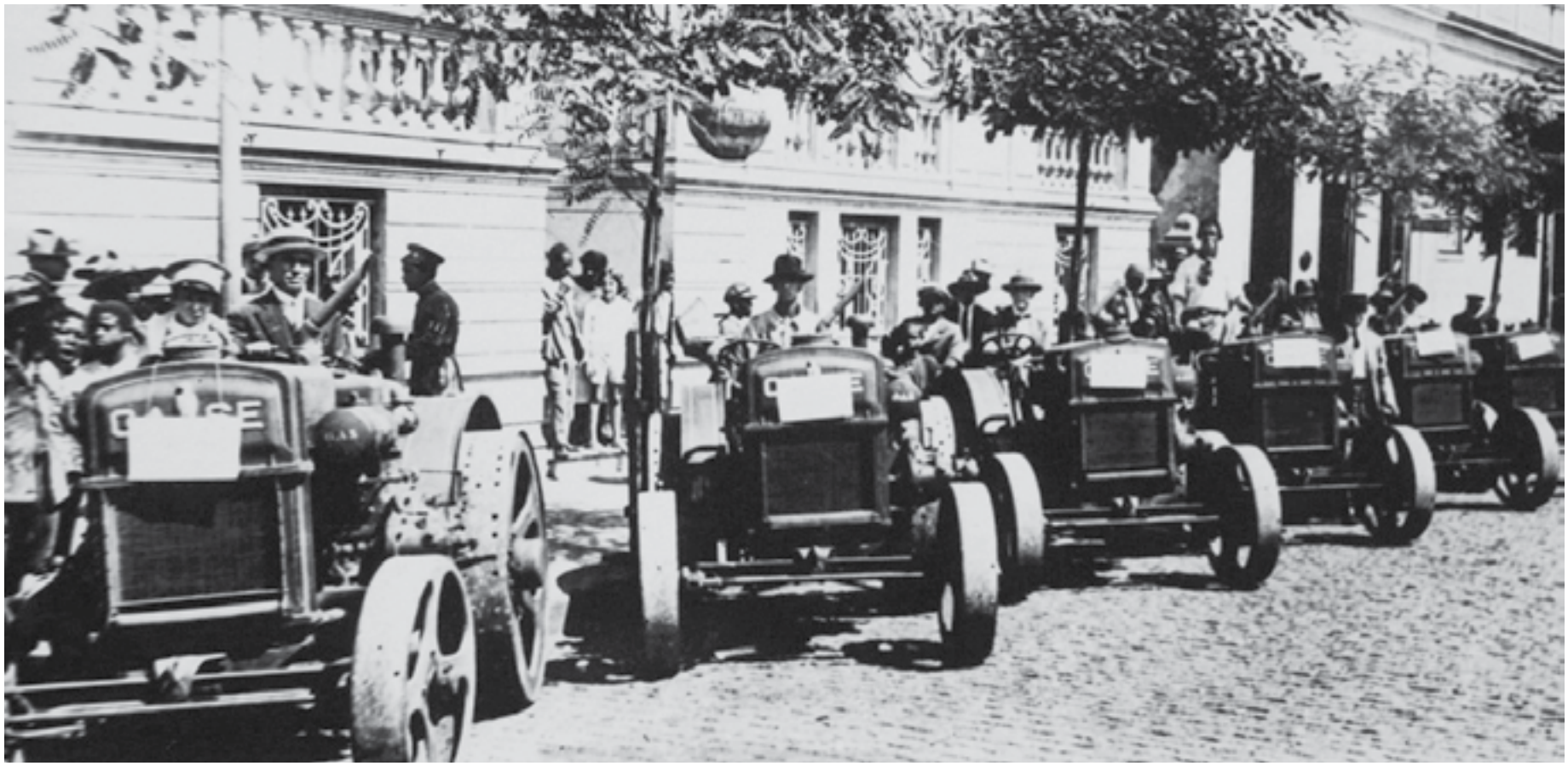
Locomóvel e trilhadeira empregados em lavoura de arroz - Museu Municipal

Trilhadeira - Museu Municipal

A partir de 1920, quando os arrozais tomavam conta das várzeas e a produtividade atingia índices excelentes, a riqueza dessa cultura começava a aparecer. Grandes casas comerciais, engenhos de arroz, agências bancárias e outras iniciativas, algumas estabelecidas de longa data, outras de portas recentemente abertas, indicavam que o povo estava a exigir novidades e melhorias. As ruas, antes simples e empoeiradas, ganharam novos ares com pavimentação e iluminação, as praças tiveram planejamento urbanístico, sofisticando-se. Mas a grande melhoria da década foi o investimento em saneamento básico, atendendo necessidades de primeira ordem da população sem descuidar do apuro estético. São deste período a primeira caixa d'água na Praça Itororó (1921), o Château d'Eau e o reservatório da Praça Borges de Medeiros (1925).

Casa Fialho - Rua Sete de Setembro - Benjamin Camozato

Agência Chevrolet - Rua Sete de Setembro - Museu Municipal



Tratores da revenda Case, de Achylles Figueiredo - Museu Municipal

Construção do Banco da Província e pavimentação da Rua Sete de Setembro - Coleção Claiton Nazar

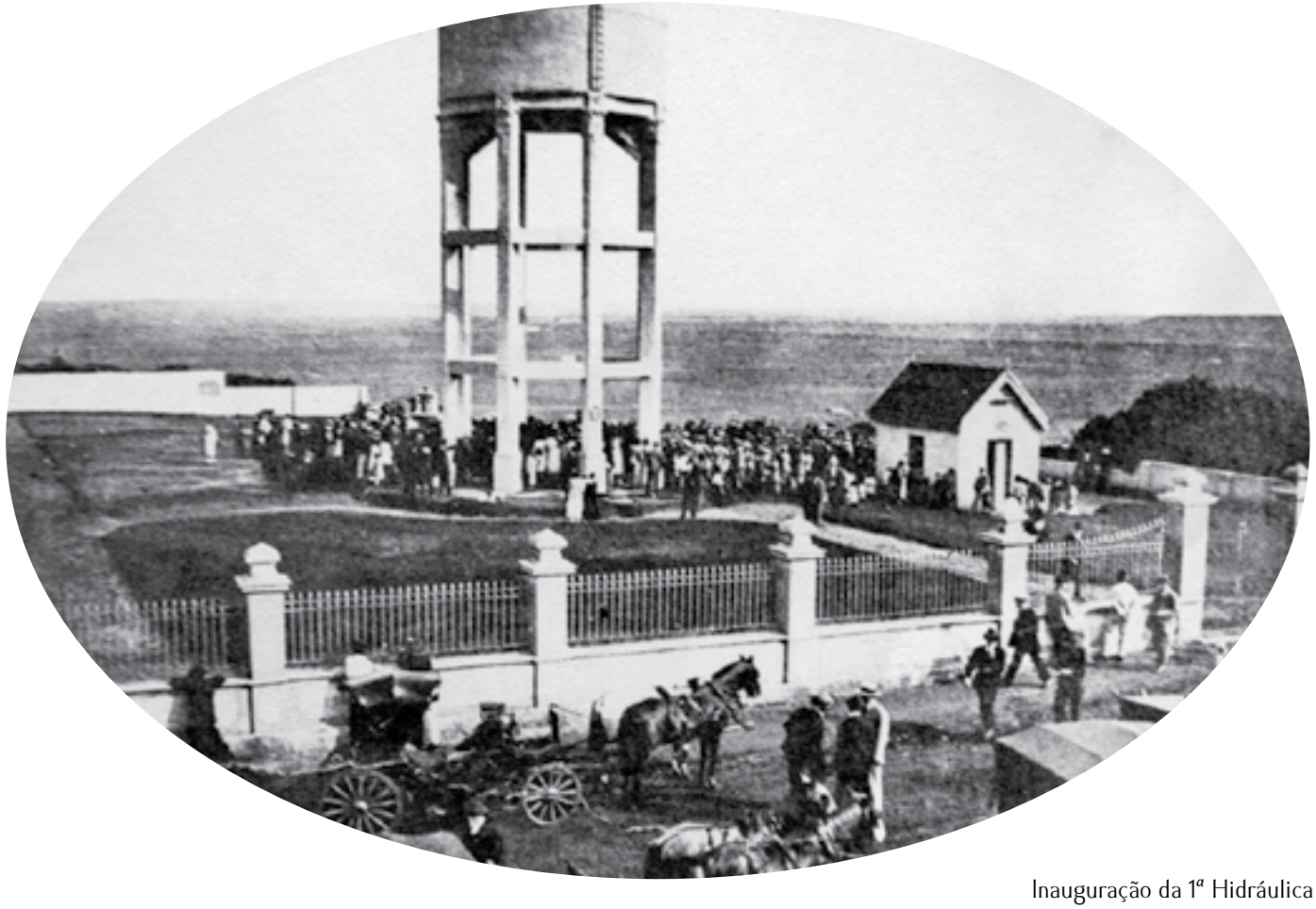
Rua Sete de Setembro com o relógio público - Museu Municipal

Rua Sete de Setembro - Museu Municipal

Rua Sete de Setembro à noite - Museu Municipal

Praça José Bonifácio - Museu Municipal

Praça José Bonifácio - Museu Municipal



Inauguração da 1ª Hidráulica - Benjamin Camozato

Praça Dr. Balthazar de Bem com Igreja Matriz, Império e Château d'Eau - Museu Municipal

Reservatório enterrado - R2 (1925) - Museu Municipal

Se a economia prosperava, o porto e a estação ferroviária apresentavam grande movimento, a vida social e cultural, como não poderia deixar de ser, acompanhava a evolução das coisas. Começaram a surgir escolas de música, cinemas, proliferavam apresentações teatrais e atividades esportivas que iam desde a ginástica até esportes nobres como o tênis. Os clubes, engalanados em dias de festa, abriam seus salões para bailes e saraus animados por orquestras locais. A imprensa escrita e falada noticiava tudo, destacando campanhas comunitárias, como as em benefício da construção do segundo prédio do Hospital de Caridade, inaugurado em 1940, e o surgimento de clubes de serviço, entidades culturais e assistenciais.

Porto de Cachoeira - Museu Municipal

Segundo prédio do Hospital de Caridade - Museu Municipal

Em 1941, a excelência da produção e a necessidade de divulgação do potencial econômico de Cachoeira levaram os produtores e autoridades a realizarem a Festa do Arroz. Depois da festa, que foi exitosa, uma grande enchente trouxe prejuízos materiais e econômicos ao município que levou 27 anos para realizar a II Feira Nacional do Arroz - FENARROZ. Desde então a feira se tornou referência para o setor, contando 21 edições.

Rainha e princesas da Festa do Arroz com o arrozeiro Jorge Franke - Museu Municipal

Abertura da II FENARROZ - Museu Municipal

Renato Thomsen

Cachoeira do Sul entra no seu bicentenário tendo por alicerce uma história forte de ação e reação aos desafios e contextos que foram enfrentados. Busca reinventar-se e se redimir das perdas amparada nas suas grandes conquistas. Mira o futuro pelas janelas das universidades, bastiões da sabedoria que constrói valores e alicerça o progresso, e pelas suas instituições de memória que permitem, com seus acervos, revisitar os exemplos do passado.

Muito do patrimônio arquitetônico, natural e cultural, seja material ou imaterial que Cachoeira do Sul ostenta é fruto dos diferentes momentos pelos quais passou. Estes bens são marcos de uma história escrita, página a página, por homens e mulheres, de todos os tons e classes, anônimos ou famosos, como os vultos que dão nomes às ruas, praças e entidades, elos todos de uma grande corrente que enlaça e amarra um jeito cachoeirense de ser, saber e fazer.

Miriam R. M. Ritzel

Texto escrito originalmente para roteiro do documentário "Cachoeira do Sul 200", de Cristianno Caetano Experiências Visuais, 2019.

RIO JACUÍ

origem, fronteira, caminho e dádiva

> (...) o rio é músculo a girar a manivela das turbinas, transformando suas águas espremidas em luz do sol.
>
> Nilo Savi

A Vila de Cachoeira

Auguste de Saint-Hilaire

A Vila de Cachoeira, sede de dois juízes ordinários e lugar de extensa paróquia, fica numa posição agradável, à encosta de uma colina que domina o rio Jacuí. (...) deve seu nome aos recifes que, a pouca distância do lugar onde está construída, embaraçam o leito do rio e não deixam passar as canoas, senão ao tempo das enchentes.

Viagem ao Rio Grande do Sul (1820) - Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros, Senado Federal, 2002.

Robispierre Giuliani

Renato Thomsen

Renato Thomsen

Cachoeira

Aurélio Porto

Nascemos da caserna. Fronteira meridional do Brasil, que foi por largos anos o Jacuí, era o nosso território o vasto acampamento sempre pronto, ao primeiro toque de reunir, a aparar as investidas do inimigo secular com que contendemos, transportando para a jovem América os velhos ódios avoengos da Península.

Resumo Histórico. Grande Álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil, de Benjamin C. Camozato, Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1922.

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Renato Thomsen

Renato Thomsen

Meu Rio

Nilo Savi

Vieram de muitos lugares, das ruas, dos becos, das vielas, das franjas e do miolo da cidade. (...) Desceram a Rua Moron, a Esperanto e tomaram conta das margens. Parece que ouviram o rio a pedir ajuda. Foram limpando as margens, desafogando o grande afogado. Tiraram dele o resultado da incúria, da maldade e da indiferença. Começaram a lembrar, e lançaram nas águas a esperança.

(...)

Cantaram o instante de amor que o rio tem com Cachoeira a quem abraça, enlaça, ama e se esvai, depois, nos condutos d'água de beber.

É o rio que se alarga, que salta as barrancas e se espraia nas várzeas, sêmen da vida semeando sementes.

É o rio que deixou se espedaçar e em cirurgia em seu ventre firma o caminho do progresso e do futuro. É o rio criador de peixes e que, na sagrada missa das plantações, se transforma em pão para a fome. (...) É o rio que traz a lenha, que traz a tranquilidade das sombras e dos remansos e que persiste, não desiste na demonstração de carinho e amor, que delira nos tombos e nas cachoeiras, transformando suas águas em saias bailarinas dos fandangos e, depois, desce no seu fadário eterno em direção do mar. Mas junto leva pedaços de nossas vidas, instantes de beleza que sempre voltaram sem não serem mais as mesmas.

É o rio que espelha o verde vegetal da mataria que de suas margens faz castelos de areia para as construções das casas e que em seu barulhento silêncio noturno levanta brancos castelos nas ondas encapeladas a demonstrar, no murmúrio que acalma, que, mesmo assim, canta canções para Cachoeira dormir.

Acervo do autor

Renato Thomsen

Ao Jacuí

Patrício de Albuquerque

Jacuí! - Jacuí que passas, murmurante,
rolando as tuas águas para além,
aqui detém
teu passo de gigante
e vem
beijar os pés da grande terra altiva,
que progressiva,
se alteia junto a ti...
Porém, Jacuí, Jacuí!
Se o teu destino
é correr, corre, corre, a refletir
no dorso cristalino
esta mimosa pérola de Ofir...
Ou não te orgulhas de regar
o berço de poetas imortais?
Sim, que te hás de orgulhar,
porque aqui passas numa bênção
esmeraldina,
enverdecendo os arrozais,
e essa tua cachoeira,
que vive a lamentar
os filhos deste berço sacrossanto,
que nunca mais hão de voltar,
porque a morte os cobriu já com seu manto...

Jacuí, Jacuí! que passas murmurante,
rolando as tuas águas para além,
corre, corre, veloz e triunfante,
a repetir
que conseguiste refletir,
em meio da carreira,
esta mimosa pérola de Ofir,
que se chamou CACHOEIRA!

Álbum Comemorativo da 1ª Feira de Gado de Cachoeira, Lisboa Estrázulas (org.). Oficinas Gráficas do Instituto Técnico Profissional do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1940.

Renato Thomsen

Jacuí I

Liselotte Klix

Manso
no remanso da planície

superfície plena de bocas
bebendo terra e sol.

Águas dúbias
tons claros-escuros
sons de lamento
lento
de história.

Artéria da terra
descendo o lombo
da serra
fecundando lavouras
louras
de arrozais.

Estrada de barcos
pesqueiros, cargueiros
de arroz
madeira
carvão
- ouro e pão.

Energia de engenhos
luz de lares

voz de sino de destinos
em busca de sol e mares.

Poetas do Vale III. COOPECOM,
Cachoeira do Sul, 1988.

Robispierre Giuliani

César Roos

Ernani Marques

Fuga

Carmem Oliveira Félix

É chegado meu tempo
de migração.
Vou com os pássaros
que ao entardecer sobem o rio
em formação cerrada.
(...)

Poetas do Vale - 1ª edição. Gráfica Jacuí Ltda., Cachoeira do Sul, 1976.

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

A força do Jacuí vem do seu
tempo de fronteira, de forte,
de seiva da semente;
vem do fato de ser o rio da
terra da gente.

Mirian R. M. Ritzel

Robispierre Giuliani

Travessia

Bagual Silvestris

Minha cidade tem um rio
Ele lava e tudo leva
Consome gente e traz terra.

(...)

Ele é um canal
O sangue da mãe Terra,
Sumo das nuvens.

(...)

O Jacuí é meu Tejo
O rio da minha vida.
Meu rio é uma lenda,
Todos os Homens do passado
Tremeram ao cruzá-lo,
Sim, eu também senti,
Tantos foram absorvidos,
Tragados e partidos.

O rio enlaça a cidade
A urbe indolente o abraça.

(...)

Mas, é um rio
Um rio é um rio

Como o Ganges, o Tigre, o Tejo.
Seriam apenas rios
Não fossem magnos canais
No baixio dos terrenos
Para onde derramam as águas do céu.

(...)

Assim o rio da minha cidade
Corre silencioso
Em murmúrios
No eterno caminho
Rumo ao mar.

Blog da Poesia - Jornal do Povo

Robispierre Giuliani

Mário H. Kämpf

Renato Thomsen

Renato Thomsen

Rio da vida

Kako Gama (Luís Carlos Peixoto Nogueira da Gama)

Há em mim uma ingrata angústia nata...
É de minha própria natureza sentir tristeza.
O rio da vida retrata uma falsa mata
De uma dissimulada beleza simulando pureza.

O rio da vida insiste em me refletir triste...
A distância que separa minha infância
Consiste em banhar a saudade que assiste
Em nítida inconstância meu delírio e ânsia.

Parece que o rio também espera saudade
Da absorta memória de outra idade
Onde nem tudo era turvo e sombrio.

Saudoso tempo aquele da prazenteira mocidade
Na qual as águas escoavam com claridade
Na superfície límpida desse mesmo rio.

Poetas do Vale VIII. Gráfica Jacuí Ltda, Cachoeira do Sul, 2011.

Contínua ciranda

Dalila Bairros Fonseca

Sobre o leito
do rio
a noite apunhala
o dia

Branca de espanto
em lágrimas de estrelas
a lua espia
a prenhez da noite

O rio canta
cresce
e o dia, o dia
desaparece.
(1992)

Poetas do Vale IV. Gráfica Jacuí Ltda, Cachoeira do Sul, 1995.

Renato Thomsen

Renato Thomsen

Ernani Marques

Reflexão dos meus dias

Jorge Alberto Corrêa da Silva

Águas da estação
Gestação dos rios
Peixes a nascer

Chuvas de inverno
Rio que transborda
No leito das águas
Dissolve a seca
Dissemina a vida
Essência da vida

Corre no leito
Camadas de um sonho
Local de refúgio

Silêncio transmuta
Alimentado o espírito
Na reflexão dos meus dias.

Origens e Raízes - Poesias. Evangraf, Porto Alegre, 2019.

O pôr do sol
no Jacuí
dourado
como doce de ambrosia
reflete Cachoeira
de segredos cadenciados.

As estrelas ao longe
vigiam arrozais
onde valsam
medas ao vento.
E se in... ventam

Zaira Cantarelli

Voo Independente 6. Associação Gaúcha de Escritores Independentes, Porto Alegre, 2007.

Robispierre Giuliani

César Roos

Balsa São Lourenço - Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Mário H. Kämpf

Velho guri

Cleiton Leal

A lua sabe que o sol
Esconde-se por trás
De um imenso lençol,
O céu estrelado e lilás.
O sol é um velho guri,
A nuvem é seu cavalo
As botas de brasa
Queimam os seus calos.
O sol é um velho guri,
Um Deus cavalgando
Nas águas do rio Jacuí.

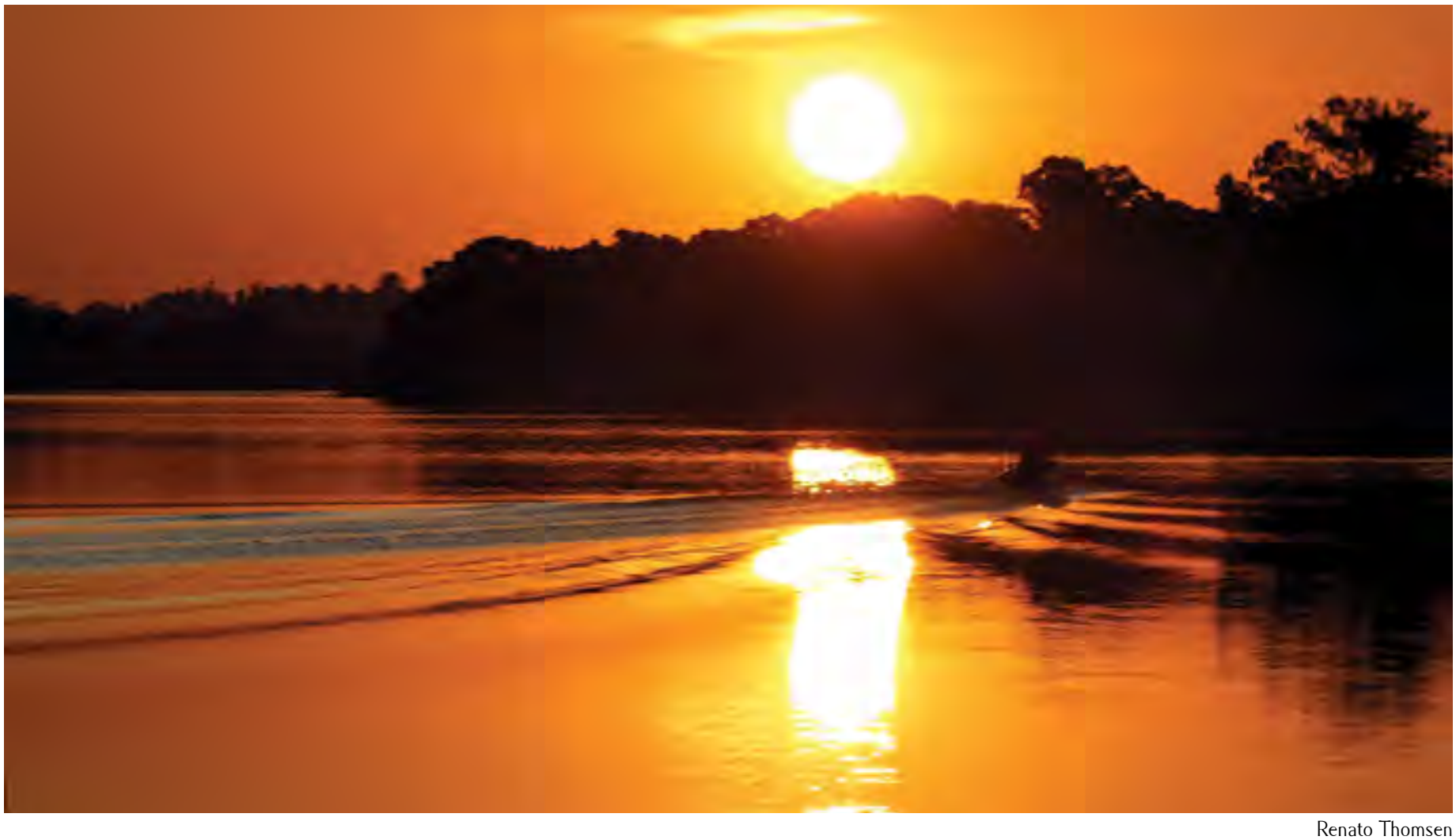
Poetas do Vale IX. Gráfica Jacuí Ltda, Cachoeira do Sul, 2015.

O rio

Robson Alves Soares

O rio escreve barranco em letra cursiva,
rabisca peixes, proas, remos, pressas.
Alfabetiza de água a quem frequenta
as escolas ribeirinhas.

Poemas encolhidos. Editora Metamorfose, Porto Alegre, 2020.



Renato Thomsen

Renato Thomsen

Renato Thomsen

CACHOEIRA DO SUL

bela que só ela

(...) e a cidade-memória foi ficando
ficando bonita nesse meu relembrar

Milton Rauber

Cachoeiras vivem em nós

Carlos Eduardo Florence

Existem duas Cachoeiras, ou muitas Cachoeiras. A cidade às vezes cai, às vezes renasce, mas se mantém em nós como nosso lugar no mundo.

Aquela Cachoeira que nem sabemos direito se um dia existiu permanece no tempo em que o rio era estrada e a estrada também era um trem (...)

A cidade foi crescendo uma dentro da outra e não se conhece mais qual a verdadeira.

As Cachoeiras mantêm-se sempre dignas à espera da luz, e aí elas são iguais. Todas as Cachoeiras sob o olhar do Netuno e das ninfas. Todas na bênção da Imaculada.

Jornal do Povo, 18-19/1/2020.

Cachoeira

Robson Alves Soares

Escrevo água
para dizer Cachoeira
cidade que trago
nos bolsos.
Minhas mãos
em concha
são um bebedouro.

Grupo Cultura Cachoeira do Sul - WhatsApp.

Renato Thomsen

Renato Thomsen

Mário H. Kämpf

Robispierre Giuliani

Avenida Marcelo Gama - Robispierre Giuliani

Renato Thomsen

Renato Thomsen

O olhar de Deus

Liberato Vieira da Cunha

A Praça da Matriz não é uma, são três, a que se estende para os lados do Jacuí, a que fica no rumo do Centro e, entre as duas, o círculo do Château d'Eau. (...) Transponho as pontes de pedra, mas nem aquelas esculturas seminuas, nem as carpas sonolentas no espelho d'água ou o terraço interdito me atraem quanto Netuno, que no topo do monumento aponta seu tridente para o infinito.

Um visto para o interior - Viagens a Cachoeira e meus outros mundos.
Artes & Ofícios/Amicus, Porto Alegre, 1996.

Renato Thomsen

Renato Thomsen

Renato Thomsen

É isso que sinto quando visito a memória - o abraço forte e o alento seguro e sempre renovado percorrendo a alma.

Sônia Macedo Castro

As razões do encanto. Retratos de uma História - Escola Estadual de 1º e 2º Graus João Neves da Fontoura. Artes & Ofícios/Amicus, Porto Alegre, 1999.

Renato Thomsen

Terra amada

Ely Costa Marciniak

Se não fosses bela
com teu rio
a dormir
nas madrugadas,
nós te amaríamos

Pacata
progressista
doce
ou cruel
te amaríamos

Porque
neste ninho
nascemos
nesta concha
nos abrigamos
em tuas ruas
tecemos nossas vidas
em tuas noites
construímos
nossos sonhos
e com teu barro
moldamos a existência.

Poetas do Vale IV. Gráfica Jacuí Ltda, Cachoeira do Sul, 1995.

Renato Thomsen

A praça e o poeta

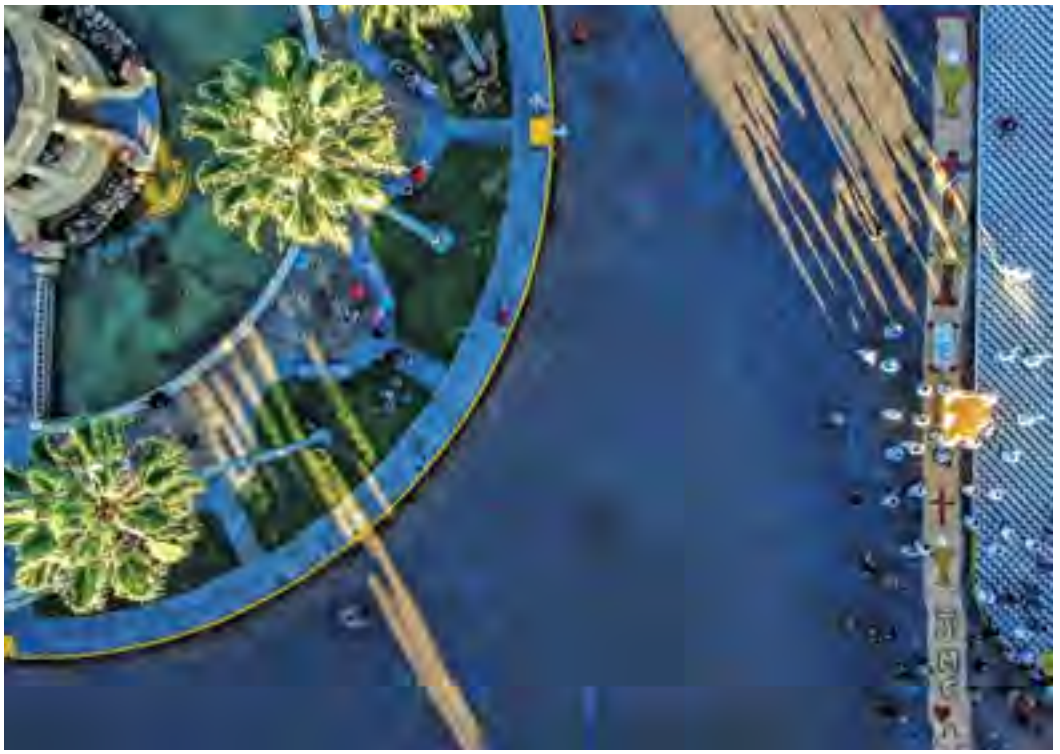
Marion Cruz

Ao som dos pássaros
que passeiam pela praça,
passa criança, passa tempo.

Todos no compasso
dos seus passos,
passo a passo.

No coração deste poeta,
não importa o que ele faça,
carrega uma praça que não passa.

Poetas do Vale IX. Gráfica Jacuí Ltda, Cachoeira do Sul, 2015.



Renato Thomsen

Praça José Bonifácio - Renato Thomsen

Rua Sete de Setembro - Renato Thomsen

Minha cidade

Liane Korberg

Gosto de andar
Pelas ruas de
Minha cidade
Descer pela Moron
Me traz saudade.

Fazer-te um poema
É meu dilema
Mas o céu em mil matizes
Me traz o tema.

Gosto de andar
Pelas ruas da
Minha cidade
Subir pela Brasil
Imaginando nos outros
Ver o teu perfil.

Sentir no rosto
O frio desta aragem
Te procurar nos rostos
Entre tantas imagens
Andar pela Sete
E ouvir tua voz
Em cada música
Que se repete.

Poetas do Vale VIII. Gráfica Jacuí Ltda, Cachoeira do Sul, 2011.

Robispierre Giuliani

Poema da cidade

Nora Liege Nogueira Lopes

Na minha cidade
ainda há ruas
em que o verde teima em contornar
cada pedra do calçamento,
casarios cujas paredes guardam histórias,
nomes e sobrenomes
que remetem a longas conversas,
dessas que a continuação
nos faz esquecer o início.
Cidade
de pontes e sangas,
de ruas que nos levam ao rio,
ao fim e ao começo.
De praças e passeios,
de chegadas e partidas.
Do livro na praça, do canto gaúcho
Cidade semente nascente.
Guardada por lendas, santas, deuses.

Poetas do Vale IX. Gráfica Jacuí Ltda, Cachoeira do Sul, 2015.

Knorr & Eisner - Renato Thomsen

Renato Thomsen

Casa Coelho Leal, antiga União de Moços Católicos - Renato Thomsen

Torre da Igreja Metodista - Robispierre Giuliani

Casa de Cultura - Renato Thomsen

Residência conhecida como Villa Minssen - Renato Thomsen

O sino de Nossa Senhora da Conceição

Celia Maria Maciel

Na lembrança da infância permanece tudo intato. Vez ou outra, brotam "fontes de ternura", principalmente quando o sino da Conceição toca aos domingos. Então, meus mortos revivem, minhas amigas retornam meninas vestidas de anjos, as distâncias desaparecem e o escuro, ah! o escuro, como por graça de Nossa Senhora, se transforma em lindas manhãs, de claros azuis, como o manto que a imagem levava, na torre da Igreja Matriz.

Passo Pássaro Passado, Martins Livreiro - Editor, Porto Alegre, 1981.

Renato Thomsen

Renato Thomsen

Cachoeira de quando criança

Janice De Franceschi

Ando pelo mundo
calçadas alheias
enquanto a saudade na alma passeia
vago pelos jardins floridos
das primaveras de maio
nos invernos de dezembro
Ventos empurram barcos com leveza
cantam os gondoleiros de Veneza.
Não vejo açucenas nos jardins da Inglaterra
nem margaridas que lembram minha terra
Relógios desmarcam as horas do meu país
não me encontro mais
sigo pelas ruas e canais.
Passos se cruzam
cruzam-se os braços
não acenam mais as mãos tépidas e geladas
ouço vozes não entendo nada
a natureza esplêndida não me encanta
não encontro meus pratos preferidos
nos cafés não estão os amigos.
Quero voltar aos verões de dezembro
às primaveras de setembro
às calçadas nuas
que revestem minha rua
doces lembranças da minha infância
Cachoeira de quando criança
dos pais sempre a nossa espera
sentados na varanda
olhando a ciranda
que parou de rodar.
Quero voltar, dar as mãos
aos meus irmãos
e ver a ciranda cirandar.

Blog da Poesia - Jornal do Povo

Casa dos Abreu - César Roos

César Roos

Painel Rua Virgílio de Abreu - Renato Thomsen

Lagoa

Nola Longo de Oliveira

Lagoa - espelho
que Deus colocou

na sala de visitas
dos campos.

Poetas do Vale IV. Gráfica Jacuí Ltda, Cachoeira do Sul, 1995.

Mário H. Kämpf

Renato Thomsen

Mário H. Kämpf

A lua testemunha

Neícla Bernardes

Os sonhos que invadem a noite
Se arrastam pela madrugada
E quando o sol aparece
Acabam se transformando em nada.

Poetas do Vale VIII, Gráfica Jacuí Ltda, 2011.

Renato Thomsen

César Roos

Frontão do Museu Municipal - Renato Thomsen

Cachoeira vista de cima

Robson Alves Soares

Cachoeira
porteira aberta,
onde passa gente
e boiada.
Início do sul que
acolhe o norte,
beirando-se
de leste e oeste.
Musgo no tijolo maciço,
olaria dos que já se
foram,
teia de olhares
desfazendo muros.
Cântaros em
mãos femininas,
despejando o tempo
na tríplice fronteira
ontem-hoje-amanhã.
Luzes de acender a
noite,
encruzilhadas
de tantos romances.
Cachoeira sólida,
liquefazendo-se
em memórias.
Com chaminés variadas
para dar altura aos
nossos suspiros
ainda adolescentes.
Suas cúpulas abrem-se
em diversidade,
santas, profanas,
desejo e culpa.
Cidade que guarda
o sol ao final de cada dia,
janelando-se na
manhã seguinte.
Pálpebras abertas
para as saudades,
pés lavados de rio.
No espelho
de tantas águas
o rosto de cada um
dos nossos.
Hospitaleira,
com caridade
inscrita na porta
de cada peito.
No engenho que é viver
são ensacadas as ternuras
colhidas em dois
séculos de primeira infância.

Grupo Cultura Cachoeira do Sul - WhatsApp.

Torre do Templo Martim Lutero - Mário H. Kämpf

Hospital de Caridade e Beneficência e Centro Clínico - Renato Thomsen

Cúpula do Banrisul - Renato Thomsen

Renato Thomsen

Instituto Estadual de Educação Dr. João Neves da Fontoura - Renato Thomsen

César Roos

Retratos poéticos

César Roos

No corre-corre, no dia a dia, quero ir ao teu encontro amada Cachoeira
Ao sol que nasce e invade as tuas manhãs e alegra as tuas tardes.
As tuas ruas e avenidas, as tuas praças, o campo e a cidade.
Quero revelar a tua fotografia e recitar a tua poesia
Quero encurtar tuas distâncias,
Troteando tuas Estâncias
Quero pescar lambari nas águas do Jacuí.
Quero matear nas tuas praças, embalar tuas crianças
Quero empinar tuas pipas, namorar tuas meninas
Quero prosseguir com alegria os caminhos da Romaria
Quero ver o teu sol se pôr nas asas de um beija-flor.

Jornal do Povo, 12/9/2010.

Morro da Cruz - César Roos

Romaria Mãe do Redentor - Robispierre Giuliani

Jardim Botânico e Zoológico Municipal - Renato Thomsen

Praia Velha - César Roos

Torre do Templo Martim Lutero - Renato Thomsen

As belas torres e os sinos de Cachoeira

Carlos Eduardo Florence

As torres da minha cidade me dizem para onde devo ir. São caminho e direção. Elas não se modificam nem se escondem. (...) Falam comigo e contam dos mistérios dos homens.
Os sinos enternecem. Indicam o norte e a fusão do céu com o universo. São as coisas que perdi e os mistérios da cidade. São resignação e vertigem.

Acervo do autor.

Torre da Igreja São José - César Roos

Torres da Catedral N. Sra. da Conceição - Renato Thomsen

Torres da Igreja Santo Antônio - Mário H. Kämpf

Torre da Igreja Metodista - Renato Thomsen

Torres da Igreja Santo Antônio - César Roos

Torres da Catedral N. Sra. Conceição - César Roos

Renato Thomsen

Netuno e eu

Liberato Vieira da Cunha

Mas me faz bem ao coração perceber que Netuno não muda, que continua em seu posto no alto do Château d'Eau, domando sóis e chuvas, pastoreando estrelas, namorando dentre todas sua eleita, a que atende por Aldebarã.

Um visto para o interior - Viagens a Cachoeira e meus outros mundos. Artes & Ofícios/Amicus, Porto Alegre, 1996.

Renato Thomsen

Renato Thomsen

César Roos

Reminiscências

Zaira Cantarelli

Incontroverso em mim
é este cheiro de terra molhada
lembrança da infância
saia pregueada
meia branca
Colégio das freiras
apito do engenho de arroz
marcando doze horas
nos trilhos que dividiam a cidade
e a Igreja badalava seus mortos.

Reino dos Céus
tão prometido
no catecismo da Santo Antônio
é este cheiro de terra molhada
chovendo Cachoeira
dentro de mim!

JP Literário - Jornal do Povo, 1º e 2/8/2020.

Engenhos e torre do Templo Martim Lutero - Mário H. Kämpf

Igreja Santo Antônio - Robispierre Giuliani

Antigo Colégio Imaculada Conceição, hoje Colégio Totem - Renato Thomsen

Torres da Igreja Santo Antônio - Robispierre Giuliani

César Roos

Outono

Ruth Wigner

Em abril, as paineiras reflorescem
E pintam a cidade de cor-de-rosa...
Mês de sol brilhante,
De tardes claras, raios dourados
E luzes penetrantes...
Que atravessam os vitrais
E aquecem o musgo dos murais...
(...)

Poetas do Vale X. Evangraf, Porto Alegre, 2019.

César Roos

Interior da Igreja Santo Antônio - Robispierre Giuliani

Banrisul e os plátanos - Renato Thomsen

Outono em Cachoeira - Acer - Renato Thomsen

Vitral da Catedral - César Roos

Vitral do Templo Martim Lutero - Renato Thomsen

Vitral da Capela de Santa Catarina - Renato Thomsen

Torre da Igreja São José - Renato Thomsen

CACHOEIRA

dos saberes e fazeres

> Hoje, o que sei de Cachoeira é que ela nasceu
> de um pensamento verde e azul, de Deus.
> Campo e céu, ele sonhou.
> E sonhou homens de raça forte, entre o campo e o céu.
>
> Celia Maria Maciel

Antônio Chimango

Amaro Juvenal

(...)

LXXVIII

Estância linda era aquela
Onde a vista se estendia
Por mais de uma sesmaria
De campo todo gramado;
Era de fama seu gado,
Quer de corte, quer de cria.

LXXIX

Lá não se via macega,
Tudo grama de forquilha
Trevo era mato e flechilha;
Muita fartura de aguada;
Cada cerca d'invernada
De moirão de coronilha.

Antônio Chimango - Poemeto Campestre (1915). Editora Globo, Porto Alegre, 1957.

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Mário H. Kämpf

Robispierre Giuliani

Traços da minha terra

Fernandes Barbosa

O minuano é um guaipeca atrevido,
latindo nos ouvidos da gente...

Na estrada real
se avistam carretas,
carregando arroz pro Passo do Seringa...

E lá vão elas
devagarito... devagarito...
fazendo os quero-queros gritar,
de asas abertas
beliscando no chão.

Lá no alto, as nuvens,
são potrancas tordilhas-negras,
galopando na várzea grande do céu!

Álbum Comemorativo da 1ª Feira de Gado de Cachoeira, Lisboa Estrázulas (org.). Oficinas Gráficas do Instituto Técnico Profissional do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1940.

Hino à lavoura

Lisboa Estrázulas

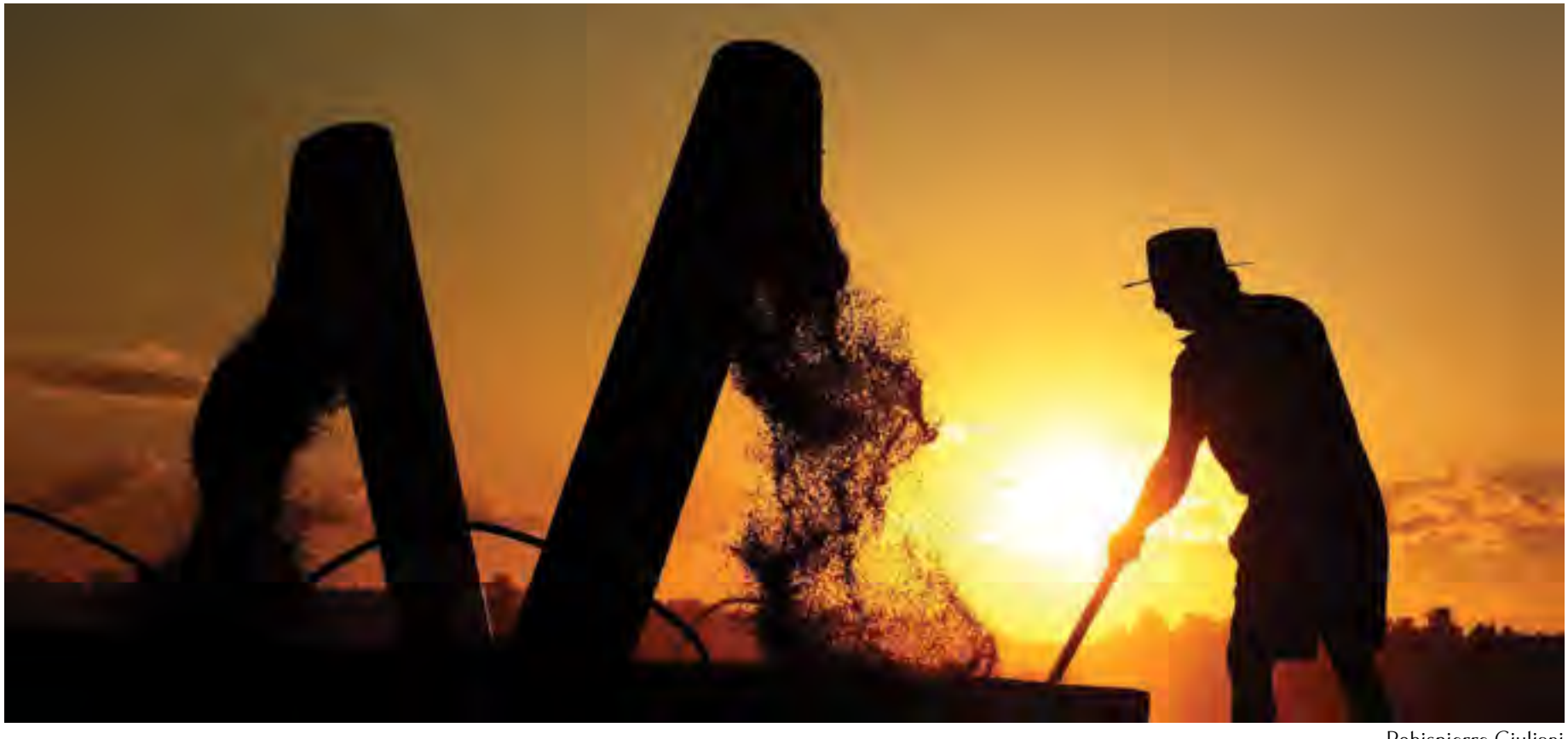
Auriverdes arrozais de Cachoeira,
sob um céu rutilante, puro anil,
espelham, pelos pampas, a Bandeira
majestosa e sagrada do Brasil.

É do seio da terra virente
que uma raça de escol, varonil,
faz brotar e florir a semente
para glória maior do Brasil.

Que beleza sem par a vida encerra,
na colheita do esplêndido tesouro
que vem do seio ubérrimo da terra,
na profusão das messes cor de ouro.

Aspectos Gerais de Cachoeira, por Fortunato Pimentel. Tipografia Gündlach, Porto Alegre, 1941.

Robispierre Giuliani



Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Engenho

Inge Liselotte Klix

Engenho que geme
ao leme dos braços
gemendo, engendra
moendo, forceja
rumoreja pó (emas)
rumos tão diversos.

(...)

Engenho que geme
e balança
na dança do grão
- nosso pão -
conta tua história
desde a conquista
da terra lavrada

desde o embrião
à safra debulhada

desde a lavoura loura
à canção de ti

que sobe em fumaça
e se embaça
bebendo céu
da madrugada
ao poente.

(...)

Poetas do Vale, 1ª edição. Gráfica Jacuí Ltda., Cachoeira do Sul, 1976.

Engenho Brasil - Renato Thomsen

Renato Thomsen

Moinho União e chaminé do Engenho Brasil - César Roos

Homem de tempo e terra

Cecília Kemel Zago

Ao homem
que arregaça as mangas
e
afunda os pés
nas águas fecundantes.

Que, inteiro,
entrega ao sol
seu corpo forte
e cava
e sua
e planta
a sua planta.
Sem cor
sem raça
a aurora o traz à roça
e as estrelas
de volta ao chimarrão.

Ao homem que duvida
- olhos no céu -
chove, não chove
- olhos na terra -
acarinhando a espiga
e espera
- sem granizo,
intato,
arroz no prato.

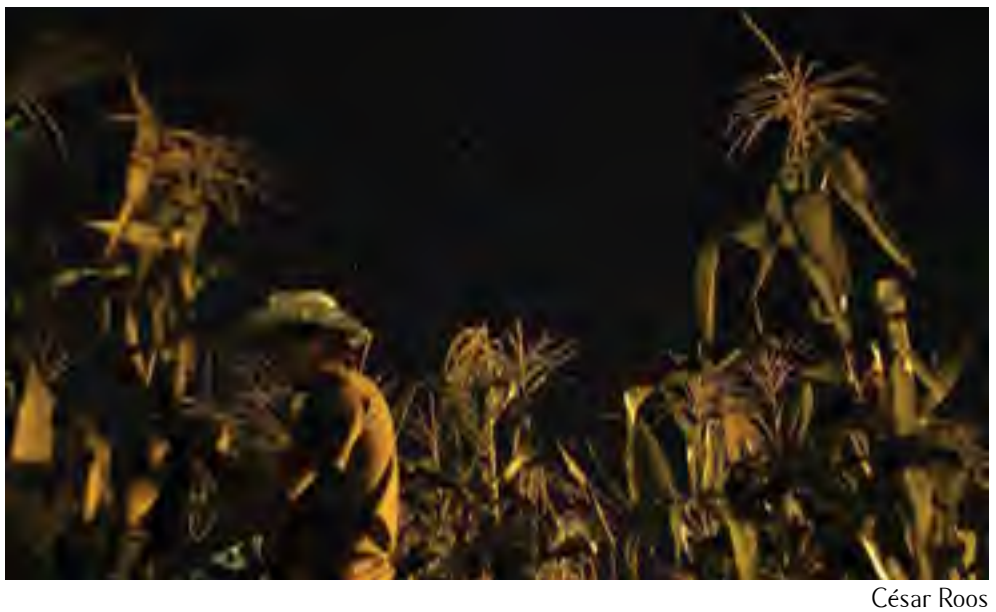
Ao solitário
e simples
que ama com mãos rudes
e com fé
e não sonha com nada
porque sabe a meta.

Ao irmão
que ora e chora
na planície

- o silencioso canto
do poeta.

Poetas do Vale, 1ª edição. Gráfica Jacuí Ltda, Cachoeira do Sul, 1976.

Robispierre Giuliani



César Roos

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

O que sei de Cachoeira

Celia Maria Maciel

Hoje, o que sei de Cachoeira é que ela nasceu de um pensamento verde e azul, de Deus. Campo e céu, ele sonhou. E sonhou homens de raça forte, entre o campo e o céu. Do pensamento de Deus ainda brotou ouro, em forma de semente. Que semente é vida. E Deus juntou vida ao homem, que passou a ter no arroz, o seu "pão de cada dia".

O que sei de Cachoeira é que ela nasceu à margem de um rio que amo porque é silencioso e profundo. Companheiro que segue com a gente, e perto de quem eu vou querer dormir um dia, para ouvir a sua canção eterna.

Passo Pássaro Passado, Martins Livreiro - Editor, Porto Alegre, 1981.

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Renato Thomsen

Mário H. Kämpf

Mário H. Kämpf

Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Preparação

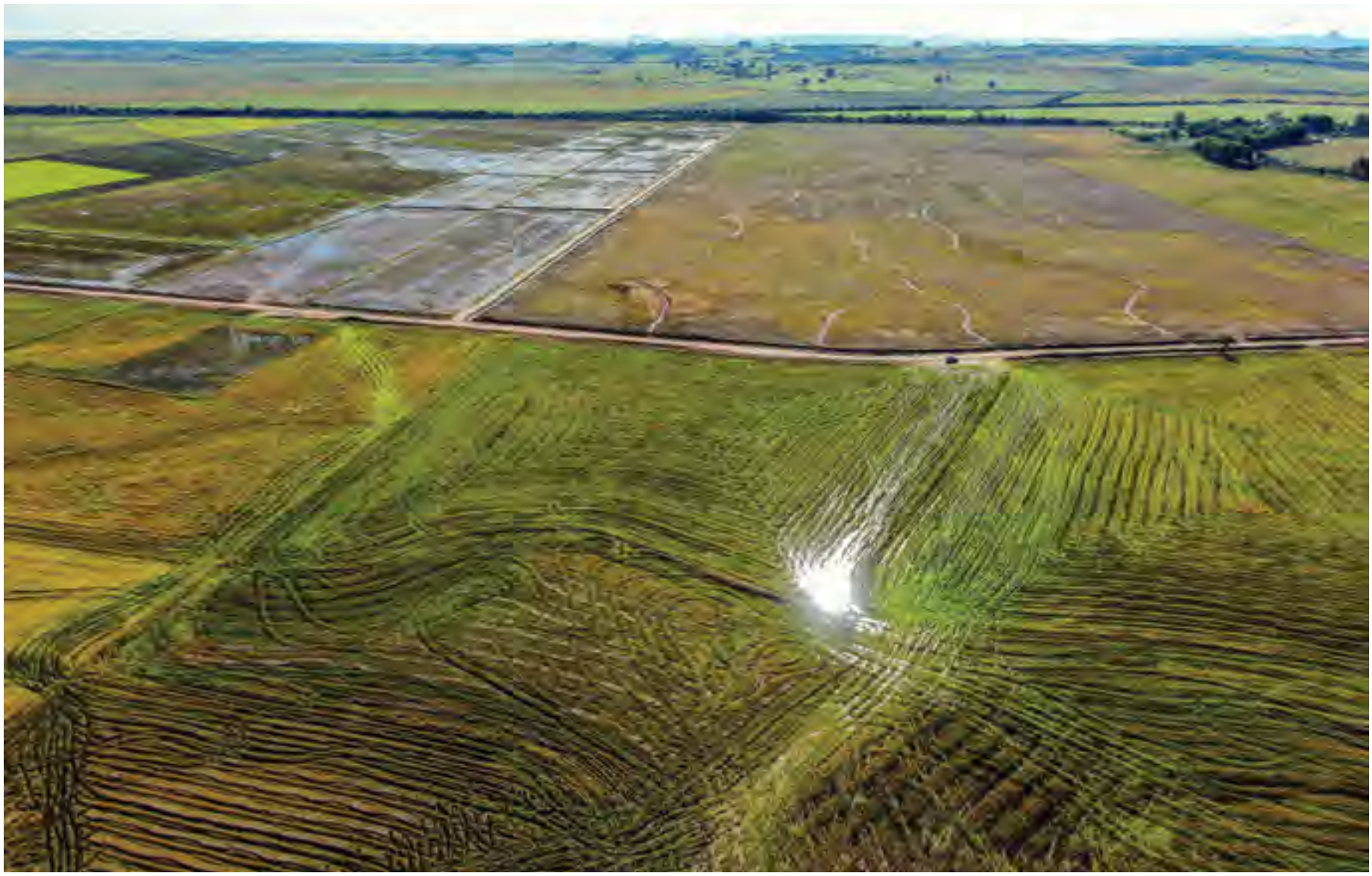
Valecy José Beckenkamp

Está tudo pronto.
Está tudo pronto para a decisão:
a terra lavrada
os arados descansam sob o telhado
e o vento sopra que anima nossa bênção.
Está tudo pronto:
preparada a terra
os sulcos se acotovelam pela planície
e pelos morros
e os pássaros afiam o bico
a garganta aquece o fruto doce da nova lavra.
Está tudo preparado:
as mãos quebram o último copo
e caem sementes pela madrugada.

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Poetas do Vale III. COOPECOM, Cachoeira do Sul, 1988.



Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Visão de inverno

Alceu Cabral

Sentei
cansado
com a janela à frente
e olhei
e olhei
por tantas vezes
que até me pareceu que via
longe
por sobre a serrania
que se fazia azul lá na distância
um tropel de andantes
galopando
sobre um monte de nuvens cor de chumbo.
E os cavaleiros
buscando sóis de antigamente
rastreando luas
que pratearam a pampa
lutavam contra o vento inclemente
(...)
E...
junto à janela
mais me prendia à cavalgada louca
que à distância se desenvolvia.

E vi quem eram
os que andavam tão fragorosamente
por sobre o campo de algodão cinzento.

Na vanguarda
como quem ponteava tropas
nos velhos tempos
de poucos corredores
pra embretar a gente
- iam piazotes -
(como eu fui um dia)
que não viam
senão a estrada à frente
sem se importarem
com rios e covancas
que se opusessem
à sua caminhada.

Poetas do Vale V. Editora Sul Cultura, Cachoeira do Sul, 1998.

César Roos

Robispierre Giuliani

Arrozal

Madalena Alverne Medeiros Silva

Extenso arrozal
ondulando
ao vento de março...
como um enorme lençol,
verde-amarelo,
estendido,
corando ao sol...

Poetas do Vale V. Editora Sul Cultura,
Cachoeira do Sul, 1998.

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

César Roos

Engenho Brasil e Moinho União - Robispierre Giuliani

Faço versos

Celia Maria Maciel

Faço versos num jeito meu que é
o das minhas orelhas meio abertas
dos dois vincos na testa e do
coração trêmulo de susto.

Faço versos com vergonha e medo
e sei que não é cedo ah não é
cedo.

Os engenhos cessaram o delírio entre
a casca e o grão de arroz e a
minha nudez é magra e branca
mudez.

Criaturas minhas, WS Editor, Porto Alegre, 1999.

Moinho União - Mário H. Kämpf

Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Progresso

Renate Schmidt de Aguiar

O que é minha terra
Senão uma carne de vida verde
O pasto, a plantação, o cinturão de mato?
O que seria das pessoas bebendo fuligem
Comendo a rocha
Sentindo vertigem?
Por delírio dos homens,
A natureza, dominada
Servirá, por fim, para nada.

Poetas do Vale VII, Gráfica Jacuí, 2009.

César Roos

Pivô de irrigação - Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

Este pó nas minhas mãos

Fernanda Blaya Figueiró

Casca grossa, casca fina, casca de arroz
Ao olhar pela janela recordei que o pó
Nas minhas mãos era do arroz cru
Antes de ser lavado e escolhido
Mas é também de giz e farinha
De terra e poeira
Este pó nas minhas mãos é de
Brincadeira

A janela deu em uma antiga sala
De meditação
Olhando por ela avistei um luzeiro

Pavio curto, chama alta
Casca grossa, casca fina,
Pó de arroz
Leite fervido, nata batida
Janela ao vento, sol saindo
Lua entrando

E a velha chama dançando
Embalada pela brisa da noite
Este pó nas minhas mãos
É feito a vida

Voo Independente 10, AGEI, Porto Alegre, 2011.

César Roos

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Silo na estrada da Ferreira - Renato Thomsen

COISAS QUE SÓ TEM AQUI

> (...) Mas me faz bem ao coração perceber que Netuno não muda, que continua em seu posto no alto do Château d'Eau, domando sóis e chuvas, pastoreando estrelas (...)

Liberato Vieira da Cunha

Renato Thomsen

Quem deixa o pátrio lugar
arremeda ao passarinho,
que, buscando o clima alheio
perde a pátria, e perde o ninho.

Antônio Vicente da Fontoura

Diário, carta de 27/8/1844. EDUCS, Sulina, Martins-Livreiro, 1984.

Escola Estadual Antônio Vicente da Fontoura - Renato Thomsen

A cavalo

Fontoura Xavier

Onde me levas, meu cavalo?... Upa!...
E o corcel mais veloz que o pensamento,
Mal me sentiu roçando-lhe a garupa.
Partiu, as crinas sacudindo ao vento.

É noite, e muito além, no descampado,
Por onde voa o meu corcel fogoso,
Como um astro no ocaso agonizado,
Crepita a chama do primeiro pouso.

Mordendo o freio, atropelando os campos,
Voa, voamos, e no nosso passo
Saltam como poeira os pirilampos,
Ascendem astros recamando o espaço.

(...)

Onde me levas meu corcel sem freio?...
As negras crinas agitando ao vento,
Mal me sentiste repousado a meio,
Voaste, ó meu corcel, meu Pensamento!...

(...)
Baltimore, 1886.

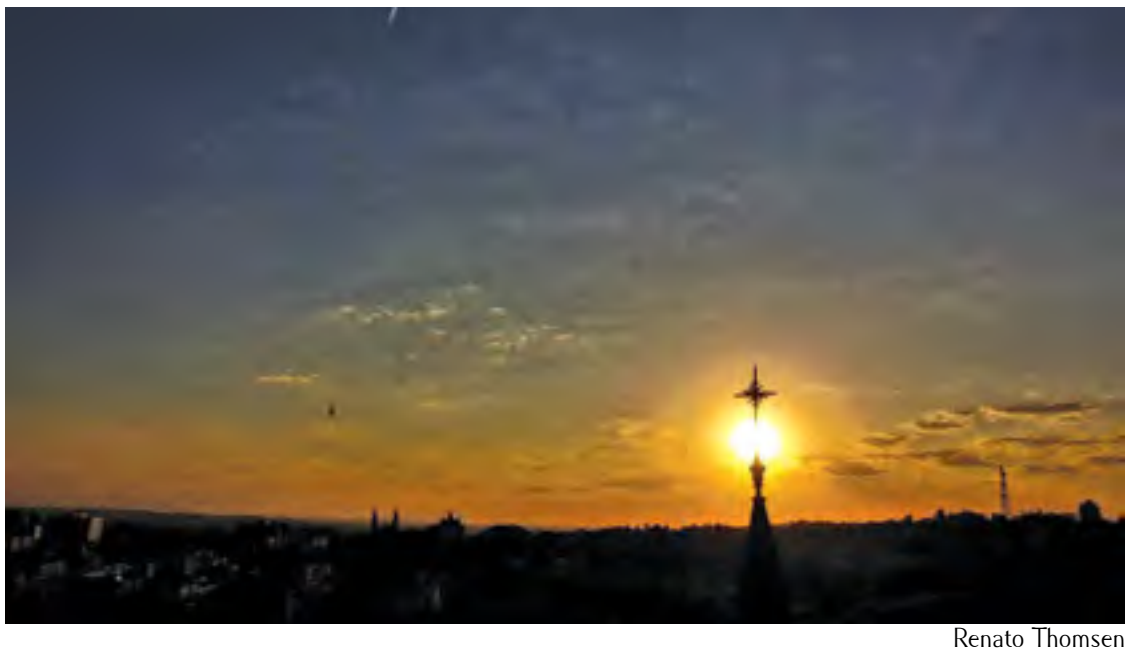
Opalas. Centro de Pesquisas Literárias/PUCRS, 5ª edição.
Porto Alegre, 1984.

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

César Roos



Renato Thomsen

Mário H. Kämpf

Céu abandonado

Alarico Ribeiro

Céu que tiveste auroras e poentes
Outrora, e sempre um sol para os teus dias,
E para as tuas noites as crescentes
Dos luares, e estrelas e harmonias;

Olho-te a vasta abóbada: - Sombrias
Mágoas, chuvas de lágrimas, mordentes
Ventos levam às solidões vazias,
Em contrárias e múltiplas correntes!

Cobre-te aquela escuridão palpável
Do caos, céu que já foste o invulnerável
Castelo azul dos deuses, no passado.

E eu, no abandono trágico de assombros
Em que te vejo, sinto-te pesado,
Como se te levasse sobre os ombros!

1894

Oásis. Editora da UFSM, Santa Maria, 1997.

Robispierre Giuliani

César Roos

César Roos

Cantilena

Canolifor (Cândida Fortes Brandão)

Tenho agora o meu jardim
Entre o pomar e um viveiro
De pássaros; vivo assim
Num concerto o dia inteiro!

Lindas aves bem canoras
São estas do meu vizinho;
Por doce, fruta ou carinho
Gorjeiam horas e horas!

(...)

Crianças e passarinhos,
Todos - flores animadas -
Umas fugindo aos espinhos,
Outras a espinhos levadas...

Do viveiro e do pomar
Eis porque, ouvindo os trilos,
Eu quisera reuni-los
No meu jardim: era dar
Sempre amor ao passarinho
E à criança sempre um ninho.

Cachoeira, MCMVII Canolifor

O Comércio, 27/3/1907.

Robispierre Giuliani

Cruz do Templo Martim Lutero - Renato Thomsen

César Roos

Robispierre Giuliani

O céu

Sérgio Gaspary Lezama

Olhei o céu
olhei longamente o céu
Que era o céu
senão a ânsia de desprender-me da terra?
Seria então o céu
um invento meu
ou eu próprio, um invento do céu
jogado do alto para experimento dos deuses?
Olhei o céu
olhei longamente o céu
Sem perceber que as horas passavam
Cavalgando nuvens negras e pássaros brancos.

Jornal do Povo, 1/9/1963.

Robispierre Giuliani

César Roos

Mário H. Kämpf

Catedral N. Sra. da Conceição - Renato Thomsen

A um passo da vida

Maria Clara Frantz

Postei-me à porta da casa.
Talvez por minha sombra ter chegado antes
eu sabia que ali era a entrada.
Não havia indicações.
Nem número
nem porta.
Mas eu sabia que era ali
como se não me fosse desconhecido aquele espaço.

Avancei lentamente.
O silêncio era grande
mas muitas vezes o silêncio pede mais que o ato.
E eu compreendi que algures
a vida esperava.

Poetas do Vale, 1ª edição. Gráfica Jacuí Ltda., Cachoeira do Sul, 1976.

Detalhe do Palácio Legislativo - Renato Thomsen

Knorr & Eisner - Robispierre Giuliani

Monumento Dr. Liberato S. V. da Cunha - Renato Thomsen

Casa Coelho Leal , antiga União de Moços Católicos - Renato Thomsen

Catedral N. Senhora da Conceição - Renato Thomsen

Oratório da Fazenda da Tafona - Renato Thomsen

Oratório

Dalila Bairros Fonseca

Sobre
humilde corpo de madeira,
- a cruz
encimando a cumeeira.
Assim o vejo
pequeno mundo,
remanescente de um passado
que é vida no presente.
A voz muda e amiga
de tuas paredes
convida
à meditação sem medida...
Na soma-subtração de meus dias,
sob o silêncio noturno
dobro o joelho a teus pés.
Ouço o eco da minha oração
na compensação multiplicada.

Poetas do Vale, 1ª edição. Gráfica Jacuí Ltda.,
Cachoeira do Sul, 1976.

Altar da Capela do Santíssimo - Catedral - Renato Thomsen

Catedral Nossa Senhora da Conceição - Mário H. Kämpf

Cidade-memória

Milton Rauber

Nesse caminho tão triste
que mais me parece um sonho
eu lembro de uma cidade perdida
uma história esquecida
que não sei nem contar

só sei que ouvia um barulho de rio
que parecia bonito correndo pro mar
e o apito de um trem se anunciando
trazendo um futuro naquele apitar
(...)

lembro ainda de um infinito verde
- venha ver de perto os campos de arroz
(eu lembro da voz a chamar)
e eu via tanta liberdade
na riqueza daquele brotar
(...)

e lembro tão bem de um jardim de praça
e também das rosas daquele passear
(ou eram pessoas, não sei)
só sei que tocava nas flores com jeito
um jeito sem jeito de querer machucar
(...)

só sei que o tempo foi passando
nesse seu louco passar
e a cidade-memória foi ficando
ficando bonita nesse meu relembrar
se o rio ainda está manchado
o trem de novo está parado
o povo com fome
e as rosas sem se importar
isso eu não sei
só sei de uma lágrima lavando
qualquer verdade se revelando
nessa cidade do meu sonhar

O lado do avesso. Editora COOPECOM, Cachoeira do Sul, 1984.

Mário H. Kämpf

Robispierre Giuliani

Renato Thomsen

César Roos

Barragem do Capané - Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

Mar de Cachoeira

Sara Claveaux de Jardim

Em Cachoeira não existe mar:
Mas navego em águas sem margens.

Em Cachoeira não existe mar
mas te procuro no horizonte sem fim.

Sinto o barulho do vaivém das ondas,
levito sobre um mar profundo
como meu amor.

E na imaginação de poeta
vejo um navio que te traz de volta

Poetas do Vale V. Sul Cultura, Cachoeira do Sul, 1998.

Barragem do Capané - Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Capela de Santa Josefa - Renato Thomsen

Escrava Josefa

Binoca da Costa Walmrath

Ouvia falar da lenda
E por vezes duvidava
Que dentro de uma fazenda
A humilde escrava morava.

(...)

Trazendo a fé com firmeza
Em seus lampejos de luz
Lutou assim com destreza
Segura em Deus que conduz.

(...)

Não sendo canonizada
Pelo seu testemunho de vida
É por muitos visitada
E pelo povo muito querida.

Debaixo do céu azul
Na lateral de uma rua
Neste Rio Grande do Sul
Esta lenda perpetua.

Procure em sua jornada
Do caminho da existência
Ver a lenda confirmada
Tenha amor e muita crença.

Suaves murmúrios. Gráfica Alvorada, Cachoeira do Sul.

Devoção à Santa Josefa - Renato Thomsen

Netuno e a Imaculada

Carlos Eduardo Florence

Netuno segurou o tridente e falou alto e irritado:
- Boa noite, Imaculada.
- Boa noite, Netuno. Amanhã a gente conversa mais calmamente.
E puxou o manto azul.
- Bons sonhos, Imaculada.

Jornal do Povo, 2 e 3/7/2016.

Renato Thomsen

Renato Thomsen

César Roos

Cancha de esportes da Praça José Bonifácio - César Roos

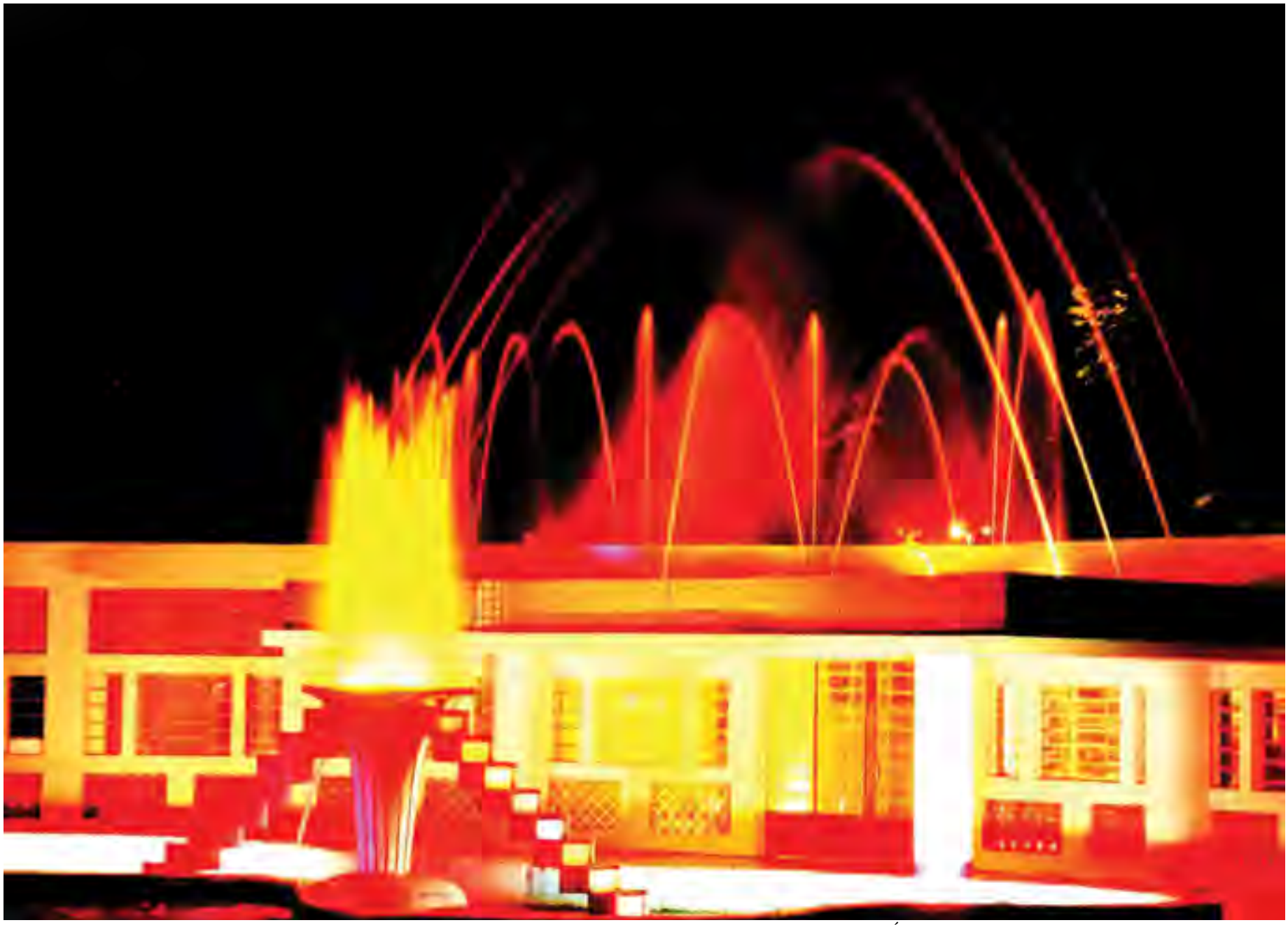
Cachoeira do meu coração

Marion Cruz

Brinco escondido
Nos campos proibidos
De minha infância distante,
Tenho lembranças
De ti Cachoeira
E recordo-me com saudades
Das praças e dos balanços
Onde fui feliz.
Tenho saudades
Minha Cachoeira
Dos teus campos floridos,
Do teu fruto consagrado
Que se curva em tua terra
Com pendões amarelo-ouro,
Tenho orgulho
De ser teu filho
E herdar toda força
E coragem de tua gente
Hostil e animado,
Companheiro e sonhador
Longe estou
Mas tenho-te no peito
Minha Cachoeira do Sul.

Blog da Poesia - Jornal do Povo

César Roos



Fonte das Águas Dançantes Artibano Savi - Robispierre Giuliani

Uma fonte no meio do caminho

Airton Ortiz

Dia sim dia também, e mais outro, e outros tantos; o cenário se repetia: operários trabalhavam em ritmo acelerado para concluir a obra a tempo de ser inaugurada durante a II Fenarroz. A caminho da escola eu cruzava apressado, mas com o olhar fixo na construção que se erguia. Na ida mais do que na vinda o prédio subia, esbelto, muito acima dos meus baixos olhos.

A meio caminho entre a minha casa, no Beco das Viúvas, trecho da Rua Pinheiro Machado interrompido pelos trilhos da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, e a Escola Estadual Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha (na época funcionando no mesmo prédio da Escola João Neves da Fontoura), estava a Praça José Bonifácio, ali onde se construía a enigmática fonte.

O tempo passou, e continua passando - e espero que muito ainda passe -, e quem deixou a cidade fui eu: percorri o mundo e muitas fontes vi no meio dos meus caminhos, de Lima a Las Vegas, de Roma a Paris; mas nunca senti a mesma emoção que experimentei no dia da inauguração daquela fonte de águas dançantes.

Ainda lembro de alguns fiapos da canção embalada pelo movimento das águas, algo tipo “e a fonte a cantar chuá, chuá, e as águas a correr chuê, chuê”.

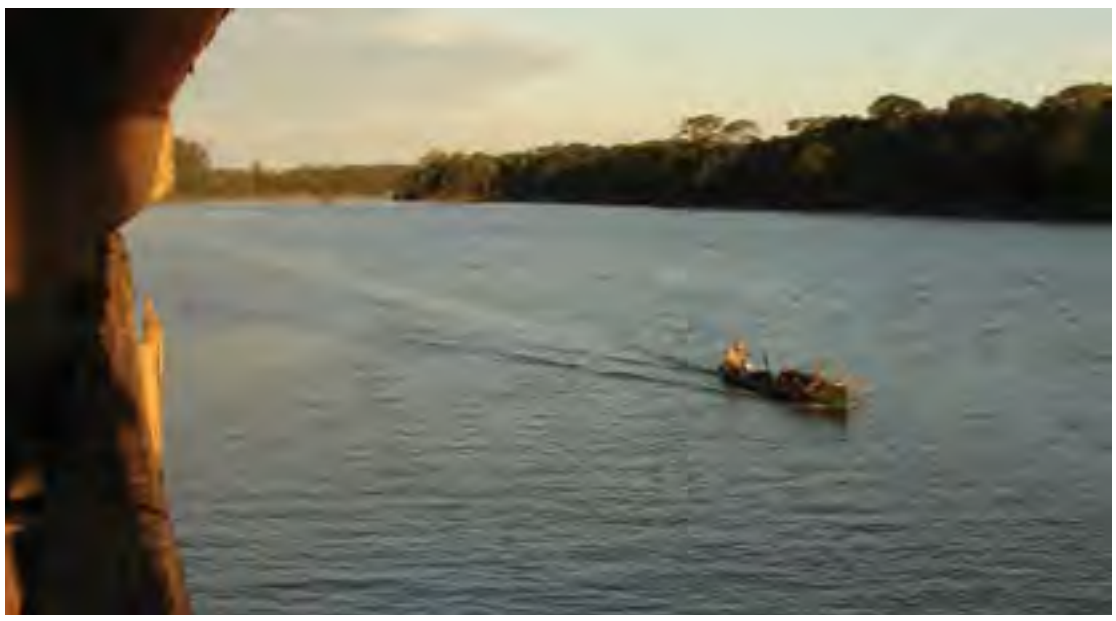
Parabéns Artibano Savi.

Via e-mail, junho 2020.

Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

Mário H. Kämpf



César Roos

Cachoeira do Sul

Rosana Ortiz

Os arrozais dourados
transformam sonhos
e nos tornam maduros.
As águas do Jacuí
carregam anseios
e trazem às margens
esperanças banhadas,
As ninfas do Château d'Eau
jorram de seus potes
a fonte da juventude.
A imagem de Nossa Senhora
do alto de seu esplendor
transforma em frutos
toda nossa dor.

Poetas do Vale VIII. Gráfica Jacuí Ltda., Cachoeira do Sul, 2011.

Robispierre Giuliani

César Roos

César Roos

Princesa do Jacuí

João Francisco Severo

Ao lado dos ancestrais,
Cheguei, amei e fiquei.
Formei aqui minha grei,
Na terra dos arrozais.

(...)

Majestosa e hospitaleira,
Assim defino a Cachoeira,
A Princesa do rio Jacuí.

Cheguei de mãos abanando,
Acabei me aquerenciando,
Gostando fiquei aqui.

Acervo do autor.

Renato Thomsen

Patrimônio cultural

Felippe de Moraes

Apoiar os projetos ou ideias sobre conservação do nosso Patrimônio Cultural, de monumentos e locais históricos, não é suficiente. É necessário engajamento, o coração saudosista e inteligente. É preciso saber que, preservando as obras e conquistas do passado, teremos o material para melhor entender e valorizar nosso presente. E assim, com entrega e embasamento, saberemos como construir um futuro mais respeitoso e conectado com nossa herança cultural.

Templo Martim Lutero - Patrimônio Histórico tombado, de Nelda Scheidt, 2011.

Templo Martim Lutero - César Roos

Clube Comercial - Renato Thomsen

Ponte de Pedra - César Roos

Reservatório da Praça Borges de Medeiros - Renato Thomsen

Château d'Eau - Renato Thomsen

Knorr & Eisner - Renato Thomsen

Detalhe da Catedral Nossa Senhora da Conceição - Renato Thomsen

Antigo Cine-Teatro Coliseu - Renato Thomsen

Museu Municipal - Renato Thomsen

Banrisul - Renato Thomsen

Barragem-Ponte do Fandango - Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

A Ponte do Fandango

Zoé Terezinha Trindade

(...)
Sempre a me dar boas-vindas,
Essa ponte é um doce abraço.
Ela sempre me envolve
E, de partir, me absolve
E me abriga em seu regaço!

(...)
Parece que ela me diz
sem mágoa e sem revolta:
- Filha, eu estou feliz
porque você está de volta!

E a todo aquele que chega,
com carinho ela chamega
com seu abraço protetor
carro novo ou carro velho,
sem descaso ou preconceito,
Ela acolhe em seu peito,
Igual um quente cobertor.

Poetas do Vale X. Evangraf, Porto Alegre, 2019.

Robispierre Giuliani

Anseio de fugir ao imediato,
de partir antes de representar o extremo ato da tragicomédia
do existir!
Vontade de virar a cidade de pernas para o ar e percorrendo
bares e cafés de uma vez,
o pálio da revolta desfraldar na cara do burguês.
Vontade de ser outro, bem diverso deste louco que faz versos,
mas é incapaz de triunfar na vida.
Deste louco, que ainda há pouco, pensando em mares, fugas,
ilhas
viu-se chorando como um calouro diante de um velho álbum de
família.

Sérgio Gaspary Lezama

Jornal do Povo, 19 e 20/1/2013.

Renato Thomsen

César Roos

Este texto, mais ou menos, é uma estrofe de um poema do T.S. Elliot

Carlos Eduardo Florence

O hoje e o ontem de Cachoeira estarão sempre presentes na Cachoeira do amanhã. Por isso lutamos, preservamos e nos emocionamos.
Dia desses, me perguntaram se eu ia embora de Cachoeira. Ninguém vai embora de Cachoeira, ela é todo sentimento. Tem o rio, as igrejas, o Château d´Eau e o paço restaurado. A confraria que pertenço é a daqueles que não esquecem, enlouquecem, entontecem e se maravilham a cada hora do dia com a luz e com as sombras do Château d´Eau.
Todas as manhãs vejo a luz do sol filtrada por cada coluna no claro-escuro, vejo os dias de chuva e a limpeza das colunas e as pessoas bebem a tempestade.
(...) É um espaço mágico: Paço, Nossa Senhora e Netuno com as ninfas. Invento diálogos entre Netuno e a Imaculada.
(...)
O Château d´Eau é essencial como a água do Jacuí. Aquilo que simboliza o passado, presente e futuro. Não é para entender e sim para simplesmente sentir. É todo sentimento e que a Imaculada nos abençoe.

Carlos Eduardo Florence - coluna do Jornal do Povo.

Renato Thomsen

Château d'Eau - Renato Thomsen

César Roos

Cachimônia

Tiago Vargas

Cidade dos arrozais, da Charqueada, Ponte de Pedra.
Cinco esquinas da minha infância. Casa cor de laranja.
Alarico Ribeiro. São João.
Château D'Eau, Matriz da Conceição.
Cine Astral, Coliseu,
Todas as fachadas.
Campo de terra, cueca virada, bola furada.
Cheiro de borracha.
Resiliência.
Reminiscências.

Residência Dickow - Renato Thomsen

Outro eu. Editora Ixtlan, São Paulo, 2019.

Cinco Esquinas - Renato Thomsen

Renato Thomsen

Renato Thomsen

O livro da casa

Marô V. da Cunha Silva

A casa com pé direito
bem alto
que número calça
a casa?

A casa tem o mapa do paraíso
A casa se ostenta
se recolhe
nas suas mil maneiras
de ser apenas
tijolos empilhados, barro e aberturas

e de ser casa e mais alguma coisa
mulher na janela
invasão de luzes ao entardecer
e lá se vão cem anos

Construir uma casa
como se compra unguentos
para receber feridos de guerra
e velhos abandonados

A casa e mais alguma coisa
a escada para o mirante
de onde se vê o fim da terra

Senhores senhores
não sabem vocês
D. José só pensa
na casa e em mais alguma coisa
cantoneira com cristais
dois óleos de paisagens

Assim se ergue uma casa
Pensa D. José entre as árvores
Do guardanapo às tramelas,
das frestas ao lustro do cobre

D. José tem visões
Pensa no angico e aí está ele
duzentos anos depois
Atraindo raios e corruíras

D. José tem sonhos
Pensa no que virá

Duzentos anos depois
Na sombra do
angico imaginado
Sopra uma aragem
Em meu rosto

Acervo da autora.

Fazenda da Tafona - Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

César Roos

Brisa suave

Gisele Marciniak

Num dia de pouca esperança nas coisas da terra,
olhei para o céu,
quieta a admirar as estrelas.
Parecia-me que só eu as via.
Se não pedi que me levassem foi porque pedi que viessem.
E num instante, quase incontável, a esperança se fez.
E imperceptível a olhos humanos
uma estrela veio parar
bem aqui dentro de mim.
Durmo um sono profundo e tranquilo,
dona do meu silêncio
e da minha gratidão.
Sei que a vida me dá muitas alegrias.
Muitas.
Dentre elas, a mais bela.
A meiga e sutil libertação.
Lenta e gradual como subir
uma montanha
e receber de presente a brisa suave.

Poetas do Vale VII, Gráfica Jacuí Ltda., 2009.

Magia crepuscular

Dalila Bairros da Fonseca

Depois que o sol
se estende sobre as
almofadas do dia
a noite se desnuda
joga seu manto
- explode em estrelas.

Poetas do Vale IV. Gráfica Jacuí Ltda., Cachoeira do Sul, 1995.

César Roos

Renato Thomsen

Torre da Catedral - Robispierre Giuliani

Lembranças

Nehyta Franz Marcuzzo

Vivemos de lembranças,
De algo que já passou,
Revivendo os momentos
Que a vida nos deixou.

(...)

Tantos dias do passado
Voltando a nossa memória
Ajudam a formar o futuro
Escrevendo nossa história.

Poetas do Vale VII. Gráfica Jacuí Ltda., Cachoeira do Sul, 2009.

Ninfa do Château d'Eau - Robispierre Giuliani

Lembranças

Zaira Cantarelli

O minuano umedece
sonhos de infância
num chimarrão de ausências
me embebedo de lonjuras
e meus olhos garoam.

Voo independente 10, AGEI, Porto Alegre, 2011.

Robispierre Giuliani

Robispierre Giuliani

Templo Martim Lutero

Nelda Scheidt

Sempre que passo em frente ao Templo Martim Lutero, de Cachoeira do Sul, tenho uma sensação de encantamento e não é de agora, pois esse sentimento me acompanha desde pequena, mas não entendia ainda o porquê. Agora que sei um pouco mais sobre esta igreja, minha admiração cresceu pela Comunidade que conseguiu construí-la, preservá-la e, sobretudo, por sua beleza e singularidade arquitetônica.

Templo Martim Lutero - Patrimônio Histórico tombado. Cachoeira do Sul, 2011.

Detalhe do Templo Martim Lutero - Robispierre Giuliani

Renato Thomsen

Templo Martim Lutero - Mário H. Kämpf

Não era tarde

Osni Schroeder - Grupo de Recuperação da Ponte de Pedra

Era uma madrugada difícil para a velha ponte!
(...)
Cachoeira sabia que águas violentas já soltavam suas pedras, levando-as embora. Mas não se importava muito! Então, para chamar sua atenção, numa enchente das grandes, ela mandou uma das suas cabeceiras se atirar no rio!
(...)
E ficou desde então ali, esquecida e ferida, temendo a próxima enchente que poderia lhe ser fatal.
(...)
Distraída nas lembranças da sua vida, a velha ponte nem notou que o dia chegara trazido pelo sol, mandando embora a lua e os pássaros da noite.

www.pontedepedra.blogspot.com.br

Ponte de Pedra - Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

Renato Thomsen

Nossa Senhora da Conceição

Ely Costa Marciniak

Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Portugal, madrinha da freguesia de Cachoeira na Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul; protetora da Vila Nova de São João da Cachoeira.
Ouve a nossa prece, celestial senhora, que acompanhaste o nascimento da freguesia, hoje cidade, e que presenciaste, senhora celestial, que os esforços envidados por seus habitantes para construir esta cidade ao mesmo tempo que edificavam o templo de onde acenas aos fiéis; tu que presenciaste o sepultamento piedoso feito pelas irmandades no piso do teu templo (até 1832); tu, que ouviste inflamados discursos na Câmara de Vereadores, nas dependências de tua casa, as discussões sobre problemas locais, os assuntos de política, guerra e até desavenças particulares. E presenciaste sacrifícios, brigas e o assassinato de Antônio Vicente da Fontoura no ambiente sagrado; tu que foste testemunha da fé, da alegria das vitórias como no te deum pelos farroupilhas cachoeirenses; que observaste a felicidade dos fiéis ao badalar do sino (fundido nas reduções de São Miguel, em 1668, e trazido pelos companheiros de Borges do Canto, em 1801); que preservaste, senhora, em teu templo a obra-prima da ourivesaria que é a lâmpada, talvez a mais preciosa do estado, comprada no Rio de Janeiro, com doação pelo alferes Antônio e Ávila e Matos com óbolos recolhidos pelas irmandades.
Tu, que és nossa mãe santíssima e amantíssima, ilumina os caminhos deste povo que habita tantas vilas sem condições sanitárias, onde tantos sucumbem pela miséria, outros pela má condição da saúde pública deste povo que vive no limite das más injustiças sociais. Em que mulheres se vendem e a juventude se droga, mas que apesar de tudo ainda guarda a esperança de uma Cachoeira melhor e que te ama e pede perdão pelos erros e forças para uma vida nova e melhor e que te pede a bênção, Imaculada Conceição. Amém.

Jornal do Povo, 7 e 8/12/2019.

Mauricio Thomsen

Página virada

Francisco Bastos

Nos últimos anos a nossa Cachoeira do Sul vem conseguindo valorizar muitas páginas do passado, para que continuemos a nos deliciar com uma "leitura" materializada na arquitetura de prédios que retratam episódios tão importantes de nossa história ou de seu cotidiano. A restauração do Paço Municipal, do Château d'Eau, da Ponte de Pedra, da União de Moços, dentre outros, é evidência muito saudável desta lúcida compreensão de manter vivo tudo que faz parte do nosso rico passado enquanto comunidade.

Jornal do Povo, 26/9/2019.

Château d'Eau e Paço Municipal - Renato Thomsen

Casa Coelho Leal - antiga União de Moços Católicos - Renato Thomsen

Ponte de Pedra - Renato Thomsen

Paço Municipal - Renato Thomsen

Château d'Eau e Catedral - Renato Thomsen

Aviventar a vida

Jorge Ritter

Quando todos sonhavam
Eu passava as tardes contemplando o rio
Que lentamente corre para o nada, indo para não sei onde.

(...)
Quando todos cresciam
Eu continuava criança
Brincava de bola na praça, me escondia, ia ao cinema.
Quando todos partiram
Eu fiquei com todas as saudades
Contemplando as águas profundas do rio.

Mas quando te conheci
Tudo mudou...
Não avistei mais o rio
A cachoeira
A estrada de barro
A ponte de pedra.
Minha casa de madeira
O portão de ferro
Meu colégio
Meus animais.

- E minhas tardes ficaram perdidas em minhas memórias.
... E minhas memórias...
Ficaram perdidas no rio.

Acervo do autor.

Senhora

Gabrielly Vieira Ribeiro

Netuno te guarda sob as Graças de Conceição
Em leito de areia se afogam tuas ruas
No riso da praça, dançam tuas águas.

Em ti,
Paraíso é semeado,
Quedas erguem Pontes,
Pedras ladrilham o tempo
Lares e Centros emanam a fé.

Teus casarões sombreiam pajés descalços,
Filhos herdeiros das cestarias.
Tua identidade e tuas Comunidades Remanescem
Tua terra plural alimenta e tuas histórias nutrem.

Ainda te faltam esquinas para refugiar quem chega.
E sobram nas paredes as faces da despedida.

Tua alma tem rugas de coragem.
Teus filhos, novos sobrenomes.
Tuas lágrimas, gosto de rio.
Tua voz, Cachoeira, é violino que ecoa a prece materna nos ares do Sul.

Poema vencedor do XXIII Prêmio Paulo Salzano Vieira da Cunha 2020, Categoria adulto. Tema: 200 anos de Cachoeira do Sul.

JP Literário - Jornal do Povo.

César Roos

Renato Thomsen

Nossa Senhora - Catedral - Renato Thomsen

Nossa Senhora

Faride Germano Machado

De todas as graças,
de risos nos lábios,
de brilho nos olhos.

Eu quero uma graça de tua bondade.

Eu quero um sorriso de tua alegria.

Eu quero aquecer-me na luz de teus olhos.

Senhora da Graça, Virgem Maria!

Com essa bondade
que tudo perdoa.

Com esse sorriso que
a todos consola
e com esses olhos
que a tudo ilumina.

Eu ia para o mundo, Senhora da Graça.

(...)

Poetas do Vale V. Sul Cultura, Cachoeira do Sul, 1998.

Coisas que só tem aqui

Letra: Marô Silva
Música: Carlos Leandro Cachoeira e Beto Bollo

Insista periga ter, insista periga ter, insista , insista periga ter.

O povo dessa cidade
Só quer encrenca

E não tem hora
Para Netuno
Falar das novas com
A Nossa Senhora

Coisas que só tem aqui
O infinito verde
Campo de água rasa no final da rua
O sul, dobra na esquina da Conde
O vento te alcança no portão da casa

(...)

Coisas que só tem aqui
Algo que se lembra e mais um que se esquece
Nos trilhos na nossa memória
Se foi o trem, a estação e a história

Nas sobras da nossa alma,
Os cavalos vêm com um assovio
E trazem o silêncio, as pedras e a curva do rio

(...)

Coisas que só tem aqui
O relógio arrancado deixou nosso
Tempo desgovernado
Mas tem o baú de causos que o Guidugli abre agora
Para Netuno falar das novas com Nossa Senhora

Assista em: https://www.youtube.com/watch?v=k8EudscTZtE

Encrenca - Rodrigo Sklar

César Roos

PALAVRAS DITAS

> Nossa terra nasceu na epopeia
> das campanhas cruentas do Sul,
> foi fronteira e fortim, foi vigia,
> sob um manto de céu sempre azul.

Moacyr Cunha Rösing
- Índio Velho

A minha Cachoeira

João Carlos Alves Mór

A Cachoeira de meu tempo chamava-se mesmo Cachoeira. Foi elevada de vila para cidade por decreto de 15 de dezembro de 1859. Mais tarde, por decreto do Presidente Getúlio Vargas e decreto-lei estadual nº 70, de 29/12/1944, foi determinado que não poderia existir mais de uma cidade no país com o mesmo nome. Como já existia uma Cachoeira em São Paulo e outra na Bahia, ficou decidido que a cidade mais antiga permaneceria com o mesmo nome e as demais deveriam trocá-lo. Como a nossa não era a mais antiga, tratou-se de fazer a substituição.

A minha Cachoeira. Martins Livreiro - Editor, Porto Alegre, 2001.

Renato Thomsen

Resumo histórico

Aurélio Porto

É difícil resumir em poucas páginas a história de Cachoeira. Há tanto heroísmo, há tanta luta, há tanta glória aureolando o nome cachoeirense, e tal é o acervo de feitos homéricos que ilustram o passado secular em que fomos, no extremo sul, o anteparo invencível da Pátria, que mister fora desenhá-la em páginas palpitantes de vida, evocando, de um a um, esses vultos marciais de integradores do território que, descansando a lança vencedora em prélios sangrentos, constituíram-se os povoadores da terra. Nascemos da caserna.

Grande Álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil, de Benjamin C. Camozato. Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1922.

Vitral do 3.º BECmb - Renato Thomsen

Renato Thomsen

Lenda da Cachoeira

Lisboa Estrázulas

O jangadeiro descia...
Descia, pela corrente...
E à hora da Ave-Maria
Cantava a canção dolente:

Ó Maria Imaculada
De graça resplandecente,
Conduz a minha jangada,
Serena, pela corrente...

Concede força ao meu braço,
Ó Virgem da Conceição.
Que não me invada o cansaço,
Sem chegar ao meu rincão.

(...)

Ó Virgem da Cachoeira,
Protege o nosso torrão!
Sê a nossa padroeira,
Senhora da Conceição!

Jornal do Povo, 20/6/1935.

César Roos

Hino a Cachoeira do Sul

Índio Velho (Moacyr Cunha Rösing)

Nossa terra nasceu na epopeia
das campanhas cruentas do Sul,
foi fronteira e fortim, foi vigia,
sob um manto de céu sempre azul.
E a capela, a cachoeira cantante
do Jacuí, de perene esplendor,
foram marcos que viram teus bravos
demonstrar sua fibra e valor!

Estribilho
Cachoeira, querida,
recebe o louvor,
sorrindo e cantando
te damos amor.

Do trabalho nos prados amenos,
nas coxilhas beijadas de sol;
das lavouras que criam farturas,
construíste teu próprio crisol.
Sob a luz da instrução que espalhaste,
derramando cultura e saber,
és o guia que mostra o caminho
da vitória, o civismo e o dever!

Estribilho

Salve terra que brilha na História,
evocando um passado imortal,
dos teus feitos e lutas faremos
a alavanca do nosso ideal!
Oh! Cachoeira que tanto queremos,
na beleza que ostentas gentil,
tuas "águas dançantes" refletem
a grandeza do nosso Brasil!

Estribilho

Meu Pago, 2ª edição do autor, 1982.

Renato Thomsen

César Roos

Mário H. Kämpf

Memórias

João Neves da Fontoura

De qualquer forma, não tardei a converter-me num bom cidadão de Cachoeira, a viver a vida da minha cidade, a amá-la e servi-la com filial afeto. Falando francamente, acho que nunca pensei em mudar-me dali. Se apenas minha vontade pudesse preponderar, penso que ainda lá estaria. E feliz!

Memórias: Borges de Medeiros e seu tempo, 1º volume. Editora Globo, Porto Alegre, 1969.

Robispierre Giuliani

Um momento de sonho

Serafim Machado

Lembro-me, ainda, como se fosse hoje: era verão, em Cachoeira do Sul, (...) e o mês de janeiro decorria ameno e agradável, sem as infalíveis canículas abrasadoras. Naquele dia, a manhã estava calma e fresca, envolta em uma luz tênue, diáfana, translúcida, ou como quer que se queira denominar uma claridade difusa, meio azulada. Do rio Jacuí vinha uma brisa leve e inebriante, assim como o sopro suave de uma carícia, predispondo o assoberbado vivente a um tranquilo abandono de corpo.

Por que acredito em lobisomem. Martins Livreiro - Editor, Porto Alegre, 1985.

César Roos

Palácio Legislativo João Neves da Fontoura - Renato Thomsen

Cachoeira, porta da Nova Meca

(Do enviado especial da A Noite). - Nestas minhas peregrinações políticas pelo Rio Grande, fui bater, duas vezes, em menos de um mês na ridente Cachoeira, a "cidade de João Neves" (...).

De quantas terras conheço - e já são tantas! - por esses Brasis além, nenhuma mais alegre que Cachoeira. Antes de se chegar ali, quer ido de Santa Maria, quer de Porto Alegre, já nos sentimos bem dispostos pelos panoramas, que parecem miniaturas virgilianas, das terras que a circundam. Quem vai da fronteira, de olhos cansados pela monotonia da coxilha e do pampa, (...) ali os embebe sôfregos na doçura daqueles arrozais recortados de regatos cristalinos ou das suas colinas que, de tão juntas, já querem parecer montanhas. E, para quem vai de Porto Alegre, também cansados os olhos de panoramas que se repetem horas a fio, os arredores de Cachoeira quebram a monotonia (...).

Jornal A Noite, Rio de Janeiro, 13/5/1932.

Mário H. Kämpf

Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

Um salto num passado inesquecível

Voltaire de Lima Moraes - Presidente do Tribunal de Justiça do RS

Meu amor por Cachoeira, contudo, mantém-se incólume e guardo profundo orgulho das minhas raízes, da minha gente, do meu passado, onde nasci e me criei.

Retratos de uma História - Escola Estadual de 1º e 2º Graus João Neves da Fontoura. Artes & Ofícios/Amicus, Porto Alegre, 1999.

Cachoeira ainda não percebeu o potencial que tem. Nós da UFSM já.

Dr. Engenheiro Rogério Brittes da Silva

Diretor do Campus da UFSM/Cachoeira do Sul

Jornal do Povo, 1º/2/2019.

A bela que só ela com 200 anos está aqui para mim e todos nós amarmos, cuidarmos e protegermos.

Ione Maria Sanmartin Carlos

Presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico-Cultural - COMPAHC

Sou grato pelo reconhecimento das pessoas, pois foi sempre este o motivo que me levou à vida pública. Cachoeira gosta de mim e eu dela.

Fritz Strohschoen

O Correio, 23-24/10/2010.

Relógio na Praça Dr. Honorato de Souza Santos - César Roos

É muito bom constatar que pessoas trabalham para preservar a memória da cidade e manter o acesso às experiências das coisas e pessoas responsáveis pela nossa identidade de 200 anos.

Armando Fialho Fagundes

Jornal do Povo, 20/8/2019

Cachoeira do Sul, 200 anos. Fonte amada de cultura e progresso.

Júlio Cezar Caspani

Praça José Bonifácio - Renato Thomsen

Ernani Marques

Mário H. Kämpf

Renato Thomsen

Cachoeira é melhor

Scopel de Morais

Existe um amor inato pela terra onde nascemos. (...) Nossa terra não é o máximo, mas está a léguas do mínimo. É bonita como Toledo, na Espanha, no alto de um morro, numa volta do rio. (...) Tem as ruas largas em seus prédios, arborizadas e um belo calçamento. Um bairro alemão, outro italiano e diversos outros mestiços. (...) Temos disponibilidade do prego ao trator, pois é favor insistir, periga ter.

Jornal do Povo, 1º e 2/2/2020.

Sociedade Rio Branco - Renato Thomsen

Cachoeira da minha ternura

Vera Beatriz Machado de Freitas

(...)
Quando chegávamos a Cachoeira, era uma alegria geral! Revíamos os parentes e amigos e apreciávamos o aspecto de uma grande família que a cidade possuía.
Somente pouquíssimas ruas eram calçadas; mas achávamos interessante a poeira e nada nos perturbava.
Vinham os folguedos com amiguinhas, brincadeiras embaixo da grande parreira e olhávamos a velha e pitoresca Rua Quinze como um cartão-postal do século passado.
(...)
Também o belo Château d'Eau com seus peixinhos coloridos e o velho Cine Coliseu com suas matinées tradicionais nos encantavam.
Os anos foram passando, Cachoeira foi crescendo e quase tudo mudou (...).

A visitante dos domingos. Edições Caravela, Porto Alegre, 1999.

Renato Thomsen

Ernani Marques

Renato Thomsen

Renato Thomsen

Memórias

Dariely de Barros Gonçalves

Memórias! Quão maravilhoso e importante tê-las! Mais espetacular ainda, proporcioná-las vivendo, compartilhando ou testemunhando histórias. Quão importante, por fim, guardá-las e rememorá-las. Pois, os 200 anos de Cachoeira do Sul, nos fala justamente de memórias, de histórias edificantes e, principalmente, de esperança, amor, gratidão, de um povo valoroso, capaz de construir o amanhã que desejamos.

Via Messenger, 12/2019.

Casa de Cultura Paulo S. V. da Cunha - César Roos

Encachoeiramento

Eugênio Esber

Encachoeiramento - (Regionalismo). Diz-se do estado emocional de júbilo e excitação que acomete o cidadão natural de Cachoeira do Sul (RS) em face da mera perspectiva de revisitar o município de suas raízes e referências.
Ansiedade e vertigem de que são tomados os cachoeirenses antes e durante a travessia da Ponte do Fandango. (Medicina): Arritmia associada a um estado particular de comoção quando o olhar de um cachoeirense saudoso de sua terra abarca, na mesma mirada, o curso indômito das águas do Rio Jacuí sob a Ponte do Fandango e a silhueta urbana de Cachoeira do Sul na linha do horizonte.
Encachoeirado: Que ou aquele que é portador de um estado de expectativa e frêmito próprio dos naturais de Cachoeira do Sul (RS). Ver "Encachoeiramento".
Encachoeirar-se: Tornar-se encachoeirado. Ver "Encachoeiramento".

Via e-mail, 23/2/2020.

Robispierre Giuliani

Renato Thomsen

César Roos

Renato Thomsen

Cachoeira do Meu Pago, Cachoeira, ponto equidistante entre Vale Vêneto, terra do meu pai, e Porto Alegre, onde viveu minha mãe. Lugar escolhido pelo casal para estender as raízes da família, que cresceu e aprendeu tanto com suas coxilhas, subidas e descidas. Cachoeira, minha terra, que até hoje me encanta com seus ipês, guapuruvus floridos, com tuas nogueiras que aprendi a amar. Um solo fértil para tantas coisas, com um Jacuí de águas límpidas. Cachoeira, meu berço e onde está o túmulo da família, aprendo sempre contigo como ser e não ser nessa vastidão do mundo.

Sílvia Franz Marcuzzo

Via Messenger, 3/2020.

Renato Thomsen

Bosque de nogueiras - Robispierre Giuliani

Primeiro Hospital e Capela de Santa Catarina - Robispierre Giuliani

Cachoeira

Mauro Ulrich

Ah, as ruas de Cachoeira
que eram longas,
e eram largas,
e que agora se estreitam
na sombra de minhas memórias.

Quanta saudade,
meu Deus,
quanta saudade!

Perdi no tempo
a bondade de suas gentes.
Nunca mais colher nós mesmos
nos aromas dos quintais
em sopros de larga amizade;
nunca mais a adolescência
florescendo, pulsando, viva,
sob o orvalho, nos arrozais.

Nunca mais, nunca mais...

A mão do pai, a mão da mãe
colhendo o menino que eu fui um dia
e a poesia brotando,
explodindo em jorros outonais
junto a grama verde
entre as lajotas da Praça Honorato.

Ah, Cachoeira,
dos meus sonhos
o mais sensato,
já faz tanto que não me tens...
Da pouca idade
uma certa inabilidade
que nos convêm.
E quanta saudade,
quanta saudade!
Parti junto com aquele trem
numa indefinida madrugada.

Hoje, o arroz seca
sob o sol de setembro
e um rio morno e lento,
- lamacento e lento -,
tece uma curva elegante
contornando o cemitério
onde um fantasma camarada
que sempre quis nos dizer tudo
já não pode nos dizer mais nada.

Setembro, sete de doismilevinte.

Via e-mail, 8/9/2020.

César Roos

Renato Thomsen

Rua Presidente Vargas - Mário H. Kämpf

Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

Museu Municipal - Renato Thomsen

Tempo, cidade e construção

Melissa Carla Streck Bundt

Valorize o tempo presente
Mas não se limite a ele...
Esta cidade foi construída
No sonho, no olhar e no braço forte...
Pássaros voam para o norte
Em busca de proteção e guarida
Coloque vida em seus pensamentos...
Aprenda a valorizar...
As praças, os parques, as águas que dançam límpidas
O tempo de busca por mantimentos...
O sol, revoada de pássaros e o movimento
Valorizar os sinais das mãos...
O corpo curvado, coração valente, olhos à frente
Eles veem as margens do rio...
Construiu pontes, armazéns, cada pedra desta rua
Guarda meu olhar, minha felicidade na tua
Registra em fotos, guarda em museus
Diz ao meu amor que um dia fui seu...
Leva contigo as cartas de um porto que brilha
Ao sol desta cidade construída partilha
Deixa aos filhos verem...
O que construiu...
Em teu berço se fez rio
Em teu sorriso nasceu Cachoeira.

Acervo da autora.

Cachoeira sempre foi o berço de grandes políticos, administradores, poetas e literatos, jornalistas e de grandes personalidades de indústria e comércio. A estagnação não é de nosso perfil. Basta olharmos para a grandeza do passado e ali encontraremos o caminho de um grande futuro.

Eliseu Gomes Torres

Via WApp 02/11/2020

Museu Municipal - Renato Thomsen

Calçamento decorado defronte ao Museu - Renato Thomsen

Robispierre Giuliani

O que acontece a uma pessoa desmemoriada repete-se numa sociedade sem espírito preservacionista.

Lya Wilhelm

O Município, abril de 1986.

Cachoeira da minha infância!
Cachoeira dos meus sonhos!
Cachoeira da nossa luta!
Cachoeira, bela que só ela!

João Ricardo dos Santos Tavares

Via Messenger, 12/10/2020.

Como as pessoas, as cidades têm alma,
e só aquelas que cultivam a sua alma,
têm temperamento e personalidade.

Alexandre Eggers Garcia

A minha Cachoeira (Apresentação), de João Carlos Alves Mór. Martins Livreiro - Editor, Porto Alegre, 2001.

Banrisul - Robispierre Giuliani

Frontão do Paço - Renato Thomsen

Museu Municipal - Ernani Marques

FUTURO DA HISTÓRIA

> Se dentro de 100 anos pudéssemos retornar e nos pedissem para escrever a história de nossa geração e da nossa civilização, a que atribuímos hoje tanta importância, de que elementos disporíamos para nos desincumbir de nossa tarefa?

Lya Wilhelm

O Município, abril de 1986.

Relógio da Catedral N. Senhora. da Conceição - Robispierre Giuliani

Tempo

Luís Antônio Silva Dias

Vai o tempo arrastando as horas.
Ora contra, ora a favor do vento.
Brinca com o relógio, com o dia.
Zomba da noite, atropela o sono.
Dança com as nuvens, descobre o sol.
O tempo não tem pressa, nós é que nos apressamos.
Será por medo do futuro ou por saudades do passado?

Poetas do Vale VII, Gráfica Jacuí Ltda., 2009.

Renato Thomsen

Biblioteca Pública Municipal Dr. João Minssen - César Roos

A Cachoeira do Sul do Futuro

À Cachoeira do Sul do presente

O proximo centenario passará no anno 2020, e, decerto, já reduzida a cinza e ao pó dos dizeres biblicos a actual geração, commemoral-o-ão condignamente os nossos descendentes.
(O Commercio - 11 de agosto de 1920)

Chegados no "próximo centenário" com o desafio de comemorar condignamente o bicentenário - e ainda que surpreendidos pelo COVID19 no apagar das luzes - temos que, além de comemorar, pensar os próximos 100 anos. Mas não se iluda o leitor, este texto não pretende ser futurístico do tipo que "prevê" naves espaciais e homenzinhos verdes passeando pela Rua Sete de Setembro nos próximos 100 anos. Oxalá aconteça! Talvez seja uma prova de que nossa civilização evoluiu, a ponto de aceitar como iguais terrestres e extraterrestres.

Mas não será este o mote do texto!

Para Morin (1981:304) "o futuro nasce do presente, portanto, a primeira dificuldade de pensar o futuro é a dificuldade de pensar o presente". Este texto pretende ajudar na árdua tarefa de pensar o presente e ser uma janela para o futuro. Alguém já disse que é insanidade fazer a mesma coisa repetidamente e esperar resultados diferentes no futuro. Isso é o princípio do planejamento! Conhecer os fatos passados e o contexto presente nos permite definir os parâmetros que usaremos para construir o futuro que queremos, mas não avaliar os erros e os acertos é, antes de tudo, perder a oportunidade de melhorar o que ainda será feito.

Portanto, conhecer o nosso passado é a chave para que possamos construir um futuro melhor com mais autonomia e, como disse Amartya Sen, com respeito às "liberdades substantivas das pessoas", o que significa dizer que desenvolver é, indiscutivelmente, muito mais do que pensar na questão econômica.

O objetivo aqui não poderia ser outro que não o de apontar uma linha de ação para um futuro que vise ao desenvolvimento integral e sustentável de todos. Assim sendo, três temas são fundamentais para o nosso futuro.

O primeiro, sem dúvida, é a educação! A educação básica; a educação das nossas crianças. E, neste sentido, não precisamos buscar teorias complexas ou pensamentos filosóficos mirabolantes. Basta que aceitemos que é a nossa obrigação proporcionar a melhor educação possível para todas as crianças. Podemos começar aos poucos, ofertando métodos, técnicas, ferramentas que oportunizem aos estudantes dos anos iniciais crescerem e se desenvolverem com olhar voltado à cooperação e ao bem-estar coletivo. Buscando, se não erradicar, ao menos reduzir "o egoísmo, a ambição desmedida pelo dinheiro, a ilusão do poder, o apego aos próprios interesses em detrimento do interesse alheio e coletivo" (INCONTRI, 2016). E, à medida que estes estudantes forem avançando, novos grupos serão abrangidos em um processo autossustentável, até que estes mesmos estudantes se encarregarão de aperfeiçoar e replicar o modelo, dando oportunidade - como bem disse a Dora Incontri - para que todos cresçam em "um mundo melhor, mais igualitário, mais justo, com menos violência, com menos sofrimento... Esse é o sonho que anima muita gente".

O segundo tema é a educação! A educação integradora e inclusiva em que Edgar Morin (2005) cita duas possibilidades para a compreensão do paradigma da complexidade: a primeira, que entende como a simplificação do complexo; ou a desarticulação e redução do pensamento que integra o ser humano às diversas variáveis do seu dia a dia, reduzindo-o a um reflexo do que há de real na realidade.

A segunda possibilidade de observar o fenômeno é conseguir rearticular todas as variáveis que foram desagrupadas (reduzidas e simplificadas). Neste sentido busca integrar os seres aspirando a um conhecimento multidimensional que é "efetivamente

o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico" (MORIN, 2005, p. 13). Neste ponto, Morin afirma:

> A patologia moderna da mente está na hiper simplificação que não deixa ver a complexidade do real. A patologia da ideia está no idealismo, onde a ideia oculta a realidade que ela tem por missão traduzir e assumir como a única real. A doença da teoria está no doutrinarismo e no dogmatismo, que fecham a teoria nela mesma e a enrijecem. A patologia da razão é a racionalização que encerra o real num sistema de ideias coerentes, mas parcial e unilateral, e que não sabe que uma parte do real é irracionalizável, nem que a racionalidade tem por missão dialogar com o irracionalizável (MORIN, 2005, p. 15, grifo do autor).

Para Morin, vivemos em um mundo pós-moderno dinamizado por uma comunicação que é alavancada por tecnologias cada vez mais modernas: internet de alta velocidade, telefones, modens, redes sociais, mas, na contramão deste movimento, temos os seres humanos que manifestam comportamentos que não condizem com este avanço tecnológico e a confusão cresce de forma generalizada impedindo a realização das pessoas como seres humanos.

> A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. [...] Interrogar nossa condição humana implica questionar primeiro a nossa posição no mundo (MORIN, 2000, p. 47).

(Re)ensinar a condição humana é (re)ligar os seres a sua própria condição de seres complexos. É reconhecer que somos influenciados e influenciamos outros seres nas mais diversas formas. É ultrapassar a fragmentação das ciências naturais "para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humana, bem como integrar a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes..." (MORIN, 2000, p.48).

Finalmente, o terceiro - mas não menos importante - tema fundamental para o nosso futuro é a educação! A educação pensando na sustentabilidade. Educação que pensa na coletividade, no meio ambiente e no planeta como um lugar de todos e para todos. Mas talvez este seja o ponto sensível. Qual é o futuro que todos nós queremos? Este texto assume como verdadeiro um futuro coletivo e igualitário. Mas será que todos nós pensamos e queremos isto? Talvez o primeiro ponto para criarmos a nossa visão de futuro seja esclarecer o que realmente queremos como comunidade. Quais as nossas vocações, entendidas como a atitude, a capacidade e as características espaciais que têm o território para o desenvolvimento? Como afirmou Lira (2006), é preciso refletir sobre a atitude que se deve tomar para promover o desenvolvimento da região e garantir a continuidade do processo.

Já que falamos em vocações regionais, agora falemos da vocação das pessoas. Quais são as nossas vocações? Em que momento da nossa vida estudantil - seja no ensino fundamental ou médio - paramos para avaliar e planejar os caminhos que queremos seguir como profissionais após o ensino superior? Nossas vocações pessoais são coerentes com as vocações regionais? Não será por este motivo, de não pensarmos coletivamente as vocações e não investirmos no processo de ensino e aprendizagem até o ingresso no ensino superior, que muitos jovens vão embora de Cachoeira do Sul (eu, inclusive!) e poucos retornam?

Quais os benefícios sociais e econômicos desta dinâmica para Cachoeira? Nenhum! O que podemos fazer para mudar? Pensar e agir coletivamente, desde o ensino básico até o ensino superior, com ênfase no desenvolvimento integral e sustentável, por meio do qual as pessoas se tornarão atores capazes de transformar o mundo em que vivem buscando o bem-estar e a qualidade de vida coletiva.

Este é um grande desafio, pois requer a negociação entre muitos atores: públicos e privados; rurais e urbanos; enfim, todos que de uma forma ou outra possam e queiram pensar e agir pelo coletivo. Experiências de sucesso em outras regiões; ferramentas para o planejamento e execução; e pessoas dispostas ao trabalho não nos faltam. Então, mãos à obra pelo nosso futuro!

No passado, foi a educação que trouxe resultados sustentáveis para indivíduos e grupos. Foram os investimentos em educação que levaram os países desenvolvidos ao patamar que se encontram hoje. A educação moldará o nosso futuro, pois somente ela permite que pensemos, analisemos, decidamos e sejamos responsáveis pelo caminho que nos propusermos a seguir. A educação e somente a educação fará com que possamos esperar por um mundo de respeito e oportunidades para todos.

Sommario dell'opera:

O nosso legado para o futuro é a educação que oferecemos no presente, porque o sucesso (ou o fracasso) das próximas gerações será de nossa responsabilidade e dependerá diretamente da educação que disponibilizarmos para a atual. Essa será a medida para avaliação dos nossos resultados ao final dos próximos 100 anos. Pois, se ao cabo desse período, nossos descendentes puderem dizer que evoluíram, certamente foi por causa das ações que realizamos no presente para a construção do futuro.

Façamos a lição de casa porque certamente seremos citados na comemoração do próximo centenário, como os responsáveis por fornecer as bases para o desenvolvimento que ocorrerá até lá e assim, terrestres e extraterrestres, poderão ser vistos como iguais.

Desta maneira, quando nós formos as cinzas da geração atual, nossos descendentes terão muitos motivos para comemorarem condignamente em 2120.

VOCÊ decide: *SAPERE AUDE!*

Péricles Purper Thiele[1]

[1] Filho da Cleusa, marido da Lenise e pai do Leonardo.

REFERÊNCIAS:

INCONTRI, D. Do mundo que não aguentamos mais para o mundo que queremos- qual o caminho? Disponível em: https://bloguniversidadelivre-pampedia.com/2016/06/06/do-mundo-que-nao-aguentamos-mais-para--o-mundo-que-queremos-qual-o-caminho/. Acesso em: 25 maio 2020.

Jornal O Commercio, Cachoeira. Ano XXI, N.º 1080, 11 de agosto de 1920, p. 2. Acervo de Imprensa do Arquivo Histórico do Município de Cachoeira do Sul.

LIRA. Revalorización de la planificación del desarrollo - DVD 50 obras ILPES - Período 2002 - 2012 - Série Gestión Pública nº 59, 2006.

MORIN, E. Pra Sair do Século XX. Barcelona: Kairós, 1981.

_____. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 2ed. São Paulo: Cortez: Brasília/DF:UNESCO, 2000.

_____. Introdução ao Pensamento Complexo. 5ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SEN, A. Desenvolvimento como Liberdade, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Campus UERGS/Cachoeira do Sul - Renato Thomsen

Janelas da UFSM - mirando o futuro - Renato Thomsen

Campus UFSM/Cachoeira do Sul - Renato Thomsen

Campus ULBRA/Cachoeira do Sul - Robispierre Giuliani

Campus UFSM/Cachoeira do Sul - Renato Thomsen

Deste ligeiro apanhado, para o qual contamos com a generosa benevolencia de quem nos lê, dispensando-nos, ao mesmo tempo, algumas lacunas, esperamos ter alcançado nosso unico fim desejado, demonstrando, tambem, aos quatro ventos, o quanto de tradicção, valor e futuro, tem esta gloriosa nesga de terra gaucha, que se chama CACHOEIRA e que, por todos os principios, faz o justo orgulho de seus filhos.

Cachoeira, novembro, 1922.

Benjamin C. Camozato

Grande Álbum de Cachoeira no Centenário da Independência do Brasil. Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1922.

EPÍLOGO

Bela ontem, hoje e sempre

O que faz uma cidade ser bela é muito mais do que seus atributos naturais e patrimoniais ou o que suas potencialidades materiais e humanas são capazes de edificar. O que realmente ressalta a beleza de uma cidade é a forma como os seus moradores se relacionam com ela, entendendo-a como o resultado de três tempos: o passado e seu repositório, o presente e suas oportunidades e o futuro e seus desafios.

Alguém um dia disse que Cachoeira sempre foi uma terra fértil para grandes sonhos. De fato! Aqueles que sonharam a pujança buscaram no solo suas primeiras conquistas: criaram gado, araram terras, desviaram cursos de água para regar as sementes, lançando as bases para uma tradição de excelência na indústria, notadamente no beneficiamento do arroz e na área metalmecânica. Comerciaram com outros lugares e expandiram sua influência, transformaram Cachoeira em pólo e abriram caminho para que outras iniciativas ganhassem espaço e projeção. Cachoeira do Sul, além de Capital Nacional do Arroz, lugar que conseguiu atrair quatro presidentes da República para prestigiar sua FENARROZ, hoje tem sua pecuária premiada e é reconhecida também como a terra da noz pecã e do azeite de oliva! Novos rumos apontam para um futuro promissor, um futuro de pluralidade e prosperidade.

Muitas dessas conquistas são frutos dos investimentos das gerações de ontem e de hoje, especialmente no saneamento básico, no fortalecimento do comércio, na união de esforços advinda do cooperativismo e da organização de entidades e clubes de serviço.

A edição deste livro não pretendeu encerrar nas 200 páginas todo o potencial de criação, produção e fruição desta terra. Lacunas ficarão pela impossibilidade de nele concentrar tantas riquezas e talentos! Mas buscou encher os olhos e o coração de quem se reconhece em suas ruas, casarios, praças, paisagens rurais, despertando naqueles que não a conhecem a vontade de conhecê-la.

Indispensável e justo ressaltar que a produção da Cachoeira do Sul #belaquesóela só foi possível graças aos seus patrocinadores, esteios e molas propulsoras do progresso que para ela desejamos, e portadores, como nós, do entusiasmo que moveu todos os envolvidos na tarefa de despertar a emoção e a alegria de comemorar 200 anos com a certeza de que somos, sim, uma cidade bela ontem, hoje e sempre!

Conselho Editorial

Essas empresas e instituições patrocinaram este livro-arte.
São marcas que valorizam o potencial de Cachoeira do Sul.

PREFEITURA MUNICIPAL DE
CACHOEIRA DO SUL

CORSAN

gov RS
NOVAS FAÇANHAS

CELEYRO

UNICRED
PONTO CAPITAL

IRAPUÁ

PECANITA

GRUPO AGROSCREW
AGRO PERTENCES
SCREW
UsiAgro Metalúrgica Ltda.
LORELEI

LAGAR·H

FAZENDA SÃO JOÃO

Alimentos TREICHEL

Trevisan

LIDER

INSUL

ROTHER
DESDE 1910

GEHLING
ADVOGADOS

FAGUNDES
SOCIEDADE DE ADVOGADOS

Parceria:

GVC.fm

JP

LINDA

ISBN: 978-85-60-11789-9